

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

FRANCIANE MARTINS DA COSTA

**O CORPO DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
COMO UM SUPORTE PARA BRINCADEIRAS**

CAMPINAS - SP

2019

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Curso de Especialização
Educação de Crianças e Pedagogia da Infância

Franciane Martins da Costa

**O CORPO DA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
COMO UM SUPORTE PARA BRINCADEIRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Especialista em Educação
de Crianças e Pedagogia da Infância.
Orientador(a): Prof^a Dr^a Márcia Maria
Strazzacappa Hernandez.

Campinas - SP

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C823c Costa, Franciane Martins da, 1987-
O corpo da professora de educação infantil como um suporte para
brincadeiras / Franciane Martins da Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Márcia Maria Strazzacappa Hernandez.

Coorientador: Marília Del Ponte de Assis.

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação Infantil. 2. Professores - Formação. 3. Corpo - Educação. 4.
Bebês. 5. Crianças pequenas. 6. Corpo. 7. Brincadeiras. I. Strazzacappa
Hernandez, Marcia Maria, 1965-. II. Assis, Marília Del Ponte de, 1985-. III.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Educação

Titulação: Especialização em Educação de Crianças e Pedagogia da Infância

Data de entrega do trabalho definitivo: 21-11-2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado essa experiência e me acompanhado do início até a conclusão desse ciclo.

Um agradecimento mais que especial ao meu companheiro Lucas que me apoiou durante todo o período do curso e toda a escrita desse trabalho, dando o suporte necessário para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Obrigada por sempre estar ao meu lado e por ter me incentivado nos momentos em que o cansaço parecia me vencer.

A todas as pessoas da minha família! Mesmo que não tenham me acompanhado diariamente neste momento específico, vocês são a base da minha formação e todas as minhas conquistas, com certeza, somente foram possíveis pelo auxílio de todos vocês.

Não poderia deixar de agradecer às minhas companheiras de trabalho (professoras, estagiárias (o), bolsistas BAS) que sempre me encorajaram e pacientemente me ouviram desabafar sobre as dificuldades que passamos ao trabalhar em período integral e ainda realizar um curso fora do horário de trabalho, duas vezes na semana. Obrigada, também, por terem contribuído com relatos e fotos sobre a temática do meu trabalho de conclusão de curso.

Sou grata pela oportunidade de conviver com as integrantes dessa turma e as professoras do curso. Durante as aulas pudemos conhecer e compartilhar um pouquinho da realidade, aprendizagens e pensamentos de cada uma.

Gostaria de agradecer pelo acolhimento e pela atenciosa orientação da Professora Márcia Maria Strazzacappa Hernandez. Apesar do pouco tempo que possuíamos para construir e elaborar essa pesquisa, sua condução e sugestões foram essenciais para que eu conseguisse colocar no papel todas as minhas percepções e reflexões sobre essa temática.

Obrigada à Professora Marília Del Ponte de Assis, minha segunda leitora, pelo carinho com que leu esse trabalho e escreveu o meu parecer!

Por fim, gostaria de agradecer imensamente às crianças, fonte de inspiração dessa pesquisa. Sem elas esse trabalho não teria existido! Obrigada por me motivarem a ser uma professora cada vez melhor!

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Rosália Duarte, 2002

RESUMO

O presente trabalho tem como intuito refletir a respeito do corpo da professora como um suporte para brincadeiras no qual as crianças podem explorar e também serem convidadas a brincar. A pesquisa apresenta uma coletânea de brincadeiras com o corpo da educadora, reunida ao longo dos últimos cinco anos de prática docente nos Centros de Convivência Infantil da Universidade Estadual de Campinas, com bebês e crianças de 6 meses a 3 anos de idade. As interações entre professoras e bebês/crianças são apresentadas por meio de relatos e imagens, estando organizadas em três categorias: brincadeiras propostas espontaneamente pelas próprias crianças com o corpo das educadoras; brincadeiras propostas espontaneamente pelas crianças com os acessórios e vestuário das professoras e brincadeiras com o corpo propostas pelas educadoras. Em seguida, realiza-se uma análise sobre as possíveis contribuições que esse modo de brincar oferece para o desenvolvimento, para a expressão e para a socialização das crianças; e, além disso, tem-se a preocupação de identificar as razões pelas quais essas experiências despertam interesse nos bebês/nas crianças. O estudo conclui que as vivências com o corpo da professora podem promover inúmeras aprendizagens para os pequenos e são significativas para eles devido à viabilidade de enfrentar novos desafios por meio da movimentação de seu corpo e à oportunidade de vivenciar uma relação mais próxima e afetiva com a educadora.

Palavras-chave: Educação Infantil. Corpo da professora. Bebês. Crianças bem pequenas. Brincadeiras corporais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Passando por baixo da perna da professora	22
Figuras 2 e 3 - Passando por cima das pernas da professora.....	23
Figuras 4, 5 e 6 – Bebês puxando os cadarços dos tênis da professora.....	26
Figuras 7 e 8 – Brincando com os cabelos da professora.....	27
Figura 9 – Brincando de “avião” com a professora em pé	28
Figura 10 – Brincadeira coletiva de “cavalinho” nas pernas da professora.	30
Figura 11 – Brincando de “cavalinho” nas costas da professora deitada no chão.....	30
Figura 12 – Brincando de “pedalinho” com a professora.....	33
Figuras 13 e 14 - Os elementos que compõem o ambiente da Sala Cri Cri	62

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1 – As especificidades da Educação Infantil	12
1.1 As concepções de Criança e de Educação	12
1.2 A professora de Educação Infantil	15
1.3 O brincar	18
Capítulo 2 – O brincar com o corpo da professora.....	21
A) Brincadeiras propostas pelas crianças com o corpo da professora	22
B) Brincadeiras propostas pelas crianças com os acessórios e os vestuários das professoras.....	25
C) Brincadeiras com o corpo, propostas pela professora.....	27
Capítulo 3 – Reflexões sobre o brincar com o corpo da professora	42
3.1 O que se pode aprender durante o brincar com o corpo da professora	42
3.2 Por que as brincadeiras com o corpo da professora despertam tanto interesse?.....	47
3.3 As reações das crianças no decorrer das brincadeiras	51
Considerações Finais	54
Referências Bibliográficas.....	58
Referências.....	61
APÊNDICE	62
Sala Cri Cri – Espaço para a CRIança CRIar	62

O corpo da professora de Educação Infantil como um suporte para brincadeiras

Introdução

Dentre todos os fazeres de uma professora¹ de Educação Infantil, o que mais me encanta e me anima a continuar nessa complexa profissão é o brincar com as crianças. Creio que esse foi o ponto principal que me fez escolher essa área de atuação, visto que de todas as etapas da educação formal, essa é a que mais o valoriza. Admiro a intensidade e a concentração com que elas se dedicam a essa ocupação e o grande potencial que ela possui para o desenvolvimento dos pequenos.

Durante os últimos sete anos, tenho atuado nessa importante tarefa de ser professora de bebês e crianças bem pequenas². Em 2012, na função de estagiária, acompanhando cotidianamente a “Turma da Girafa”, com crianças de 3 a 4 anos, junto com a professora Rosineide, na Creche da Área da Saúde (CAS) - atualmente Centro de Convivência Infantil (CECI) Parcial -, da Divisão de Educação Infantil (DEdIC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no distrito de Barão Geraldo, em Campinas, SP. No ano de 2013, entre os meses de abril a dezembro, iniciei efetivamente o meu trabalho como professora referência, em uma turma de pré-escola, com crianças de 4 a 5 anos, em uma escola pública do município de Jundiaí, também no interior de São Paulo. Após fevereiro de 2014, retornei às creches universitárias da UNICAMP, no cargo de Profissional da Educação Básica, atuando entre 2014 a 2017 com crianças, na faixa etária de 1 ano e 7 meses a 3 anos de idade, e nos anos de 2018 e 2019 com bebês, entre 6 meses a 2 anos e 3 meses.

No decorrer das minhas práticas, seja no contato direto com as crianças ou no planejamento das atividades e na confecção de brinquedos com materiais que seriam descartados, procuro resgatar as minhas lembranças da infância e tento propiciar às crianças vivências que agradavam à pequena Fran ou que ela certamente gostaria de ter experimentado. Desde o ano em que realizei o estágio, eu me divertia correndo pelo parque com as crianças, subindo nos brinquedos que comportavam o meu peso e a minha estatura, brincando na areia

¹ No decorrer do trabalho, o termo *professora* foi escolhido, em detrimento do seu uso genérico no masculino, devido ao fato de, na Educação Infantil, essa profissão ser desempenhada principalmente por mulheres. No entanto, cabe destacar que a presença masculina nos ambientes educativos de bebês e crianças pequenas é muito relevante e deveria ser mais incentivada.

² De acordo com o documento *Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares* (BRASIL, 2009), os *bebês* são crianças de 0 a 18 meses, *crianças bem pequenas* de 19 meses a 3 anos e 11 meses, *crianças pequenas* de 4 anos e 6 anos e 11 meses. As crianças entre 7 a 12 anos incompletos são nomeadas como *crianças maiores*.

de construir castelos ou fazer deliciosas comidinhas. Nos dias em que estava mais cansada, devido aos compromissos que possuía em minha vida pessoal e acadêmica, e não estava com muita energia para acompanhar o ritmo das crianças, recordo-me como se fosse hoje que elas me respondiam “Ah! Vamos!!! É mais legal com você!”. Eu havia aprendido e acreditava na importância do brincar para as crianças e brincava com elas porque me era muito prazeroso, mas acredito que apenas após ouvir esta frase repetidas vezes é que pude perceber quão significativa é a presença e participação de uma professora realmente interessada em brincar e contribuir para as brincadeiras das crianças.

É preciso ressaltar que, as ideias e referências utilizadas durante as interações com as crianças, além daquelas inspiradas na minha própria infância, foram, muitas vezes, resultado da participação em outros diversos espaços de formação, que complementavam os ensinamentos teóricos obtidos nas disciplinas da grade curricular da graduação e enriqueciam o meu repertório artístico, cultural e de brincadeiras tradicionais. A busca por essas vivências (oficinas, cursos, apresentações, palestras, debates, etc.) era uma constante, pois tinha a consciência de que a Educação é uma área repleta de assuntos interessantes que precisam ser aprofundados para fundamentar uma boa prática e contemplar o uso de diversas linguagens.

No entanto, uma professora não se torna totalmente capacitada, com todos os recursos didáticos necessários, após receber o seu diploma universitário. Ela ainda precisa se aperfeiçoar muito mais. E assim, a cada dia de trabalho, venho enfrentando desafios e me constituindo como professora de bebês e crianças pequeninhas. Como a prática docente, na instituição que atuo, é baseada na Metodologia de Projetos, estamos constantemente observando as crianças, em suas ações e interações com os seus pares e com as demais profissionais que atuam nos espaços da creche, para identificar os seus maiores interesses e indagações a respeito do mundo ao seu redor, para assim podermos elaborar os projetos que serão desenvolvidos ao longo do ano.

No decorrer das observações das crianças em momentos de brincadeiras livres fui percebendo que tudo o que está no ambiente da criança tem potencial para propiciar a brincadeira: do mobiliário (bancos, mesas, cadeiras, portas) aos objetos (elementos da natureza, copos, talheres, torneiras, mangueiras, lixeiras); do corpo do adulto à sua vestimenta. E foi justamente perceber que as crianças, sempre que podiam, recorriam ao corpo das professoras e das estagiárias para brincarem que me chamou a atenção.

Por exemplo, embora as crianças pudessem passar por baixo de um banco, de um escorregador ou de qualquer outro objeto que oferecesse essa possibilidade de ação, elas, muitas vezes, preferiam passar por entre as pernas dos adultos. Além disso, quando as crianças percebiam que a educadora estava propondo uma brincadeira com o seu próprio corpo junto a

alguma criança, em instantes, a educadora era cercada por outras crianças que se aproximavam dela querendo participar também. Nesses momentos, era possível perceber um grande envolvimento e interesse das crianças, pois elas se divertiam muito e quase sempre pediam para repetir, sendo necessário, muitas vezes, que a professora solicitasse auxílio de algum outro adulto para que todas as crianças pudessem realizar aquela brincadeira ou, infelizmente, que ela encerrasse, pois como algumas propostas demandam bastante esforço físico, era provável que seu corpo não aguentasse permanecer por um tempo prolongado em uma mesma ação.

Ao perceber uma nova brincadeira entre as crianças com o corpo das educadoras que conviviam diariamente com elas (professoras referência, estagiárias remuneradas, estagiárias de observação de diversos cursos de graduação, coordenadora, profissionais da copa, limpeza e cozinha etc.), sempre que possível, era realizado registros escritos, fotos e vídeos, com o intuito de compor um arquivo para memória e reflexão sobre essas interações. Esse material servirá de fonte documental para a presente pesquisa tendo em vista que na área da Pedagogia há muitos estudos decorrentes sobre a educação do corpo da criança (ALVES, 1997; ANGELO, 2013; ANTONIOLI, 2014; ASSARITTI, 2015; AVANCINI, 1997; BRUSTOLIN, 2009; DI STEFANO, 2018; FONTANA, 2002; GUIRRA, 2009; KAWANISHI, 2007; MORGADO, 2007; ROSSI, 2012; SANTA CLARA & FINK, 2012; SILVA, 2010; UCHOGA, 2007) e sobre o papel que o brincar exerce no processo educativo (KISHIMOTO, 1994, 2010; NAVARRO & PRODÓCIMO, 2012; WAJSKOP, 1995), mas pouco se destaca sobre as possibilidades que o corpo da professora que brinca com as crianças pode oferecer e propiciar ao desenvolvimento dos pequenos.

A princípio, ao começar a analisar essas brincadeiras, considerou-se o corpo da professora como um brinquedo, pois ele estava sendo utilizado como um “estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil” (KISHIMOTO, 1994, p. 111) – o corpo da professora já não era mais apenas o seu corpo, ele estava cumprindo um papel que não condizia com as suas funções principais. No entanto, um corpo é muito mais que um objeto estático aguardando que o sujeito venha manuseá-lo e interagir com ele. O corpo da professora, se quiser e achar conveniente, pode até aceitar passivamente os movimentos propostos pelas crianças, mas ele vai muito além, durante a brincadeira ele é ativo e pode surpreender as expectativas infantis, produzindo respostas únicas e imprevisíveis, sugerindo adaptações e propondo complexidades. Sendo assim, optou-se em conceber o corpo da professora como um suporte para as brincadeiras, no qual a criança pode explorar diversas possibilidades.

Após um olhar atento para essas experiências de prática docente, também se foi questionado a respeito do porquê dessas vivências serem tão atrativas e despertarem tanto

fascínio nas crianças. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo realizar uma coletânea de interações entre professoras e bebês/crianças e refletir sobre o corpo da professora ou do adulto como um suporte para brincadeiras, identificando as possíveis contribuições que esse modo de brincar oferece para o desenvolvimento integral das crianças.

Sendo assim, o trabalho se organiza da seguinte maneira: no primeiro capítulo realizamos uma discussão a respeito das especificidades da Educação Infantil, no que se refere às concepções de criança, de educação, de professora e de brincar envolvidas nesta etapa da educação; no segundo capítulo é apresentada, por meio de relatos e imagens, uma coletânea de brincadeiras com o corpo da professora, identificadas no decorrer da prática docente da autora; e, por fim, o terceiro capítulo é composto por uma análise, à luz de alguns teóricos, sobre algumas habilidades que as crianças possivelmente desenvolveriam, os campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular que podem ser contemplados por meio dessas brincadeiras, a afetividade e o vínculo professora-criança.

Capítulo 1 – As especificidades da Educação Infantil

1.1 As concepções de Criança e de Educação

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, um dos mais importantes documentos que regem o atendimento em creches e pré-escolas, definem a criança como

sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p. 86).

Os anos iniciais da vida de uma criança são marcados por importantes conquistas para o seu desenvolvimento, ela começa: a ingerir novos alimentos, a se sustentar na posição sentada, a manipular diferentes objetos, a se locomover (rastejando, engatinhando, andando, correndo, pulando, escorregando, etc.), a elaborar diferentes estratégias para solucionar seus problemas, a falar, a controlar seu esfíncter, a imaginar, a fantasiar e a representar.

O desenvolvimento da criança, seja no domínio do seu próprio corpo ou no controle de seus impulsos internos e a forma de se comunicar, não é um processo biologicamente natural, ele é construído histórica, social e culturalmente, a partir da mediação com os diferentes parceiros do meio em que ela vive. Sendo assim, faz-se necessário que os locais que ela participa lhe ofereçam diversas oportunidades significativas e interações estimulantes para todos os órgãos dos seus sentidos. No entanto, é preciso ter cuidado para que esse processo de aprendizagem sobre o seu próprio corpo e de interação social, seja realizado de forma respeitosa e sem o intuito de encaixar as crianças em moldes pré-estabelecidos de comportamento. Muitas vezes, ouve-se falas de educadoras que impõem uma determinada forma rígida de conduta para as crianças, argumentando que o “mundo lá fora não é fácil e que elas terão que se adaptar a qualquer custo, desde cedo”, porém, ao invés de disciplinar, para homogeneizar, nós adultos deveríamos nos preocupar muito mais em corrigir os desajustes da sociedade, para produzir uma realidade mais acolhedora aos novos ingressantes e velhos habitantes. Nesse sentido, seria mais proveitoso, que transformássemos nossas próprias condutas e crenças sobre a melhor maneira de existir no mundo, observando e se influenciando pela disposição de viver, espontaneidade e criatividade das crianças. Afinal, como elas poderão construir uma realidade mais solidária se não puderem experimentar desde cedo outras formas de viver em sociedade?

São nas instituições de educação infantil, nas creches e nas pré-escolas que as crianças mais passam a maior parte de seu tempo. Segundo a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96, art. 29), a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e ela possui como objetivo o desenvolvimento integral do sujeito, isto é, a criança deve ser contemplada em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, de forma não fragmentada, complementando e ampliando as vivências educacionais proporcionadas diariamente pelo seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 1996).

Apesar da legislação prescrever que ambos os aspectos da criança sejam valorizados igualmente e de forma integrada, é perceptível o quanto eles estão classificados dentro de uma hierarquia, na qual o intelectual/o cognitivo/o mental é o soberano. Na prática diária, o que vemos é a necessidade do controle sobre os demais aspectos das crianças: o corpo deve ficar imóvel mesmo que deseje o movimento; as emoções devem ser guardadas ainda que sejam o motor da aprendizagem; a socialização, então, apenas deve ocorrer se houver a permissão da autoridade presente, pois, embora a troca de saberes e experiência com os outros potencialize o desenvolvimento, cada um deve estar quieto em sua carteira e preso em seu caderno/sua apostila.

Para não reproduzir mecanicamente essa lógica, que a tempos predomina no sistema educativo tradicional, todos os profissionais, principalmente aqueles que atuam na Educação Infantil, devem refletir constantemente sobre esta questão e romper diariamente com o paradigma de que as crianças somente aprendem quando estão inertes e ouvindo passivamente as informações que a educadora está transmitindo. Antes de exigir submissão e o comportamento exemplar, segundo as regras sociais impostas e o padrão do bom aluno, é preciso ter consciência de que a criança, em geral, é ativa e necessita se movimentar, fazer com suas próprias mãos, falar - elas estão atentas a tudo ao seu redor, mesmo quando os adultos acreditam que não.

Por muitos anos, os estabelecimentos de Educação Infantil possuíram um caráter de atendimento puramente assistencialista. Porém, após muitos avanços de estudos na área, a concepção de educação que passou a fundamentá-la é a do vínculo indissociável entre o cuidar e o educar. Em todos os momentos da rotina, desde a acolhida até a despedida e por mais simples que sejam, os fazeres pedagógicos devem, além de suprir com dignidade as necessidades vitais da criança, considerar as crianças em sua completude (corpo, mente e emoção), favorecendo aprendizagens diversificadas sobre si, o mundo ao seu redor e as suas relações sociais, a construção da identidade e o constante desenvolvimento da autonomia, da

comunicação, da expressão, da criação, da socialização e da solidariedade, sem constrangimentos, competições, penalizações e discriminações.

A criança é repleta de capacidades desde o seu nascimento, não é preciso que ela cresça para que ela venha a ser importante e digna de merecimentos. Ela é um ser inteiro, porém como ela possui uma lógica de perceber e vivenciar o mundo diferente da dos adultos, as educadoras precisam se esforçar para reconhecer e compreender as suas formas de comunicação, elaborando estratégias de interação que não subestimem as suas potencialidades.

As práticas do processo educativo devem ter como foco as interações e as brincadeiras (BRASIL, 2013, p. 99), tanto entre crianças de mesma idade como, também, de faixas etárias diferentes e adultos. Esses importantes momentos de mediação propiciam que as crianças, na condição de sujeito de direito e de desejos, vivenciem situações reais/imaginárias e novas/cotidianas, nas quais elas possam: desempenhar de forma ativa diversos papéis; se apropriar de conhecimentos de nosso patrimônio cultural e artístico, contribuindo para a construção de sua identidade e a valorização da diversidade; incorporar ou transgredir as normas e valores sociais; aprimorar suas habilidades, enfrentando e superando novos desafios; expressar suas emoções e investigar seus questionamentos e ideias através de diferentes linguagens; levantar hipóteses para solucionar problemas; ressignificar e, se necessário, modificar sua maneira de agir, sentir e pensar, considerando os diversos pontos de vista de seus companheiros; e produzir culturas infantis.

As interações e as brincadeiras também auxiliam a professora a integrar os momentos de cuidados e educação. Em meio ao caos e à correria do cumprimento dos fazeres da rotina (o acolhimento, a alimentação, as vivências, a troca de fraldas, o banho, o descanso e a despedida), os movimentos que resultam da interação não devem ser realizados de forma automática e repetitiva por parte da professora. É preciso que ocorra diálogos particulares com cada criança, nos quais poderão surgir muitas brincadeiras e muitos conhecimentos.

Por fim, cada ação na rotina de uma criança em uma instituição de Educação Infantil está permeada por inúmeras áreas do conhecimento e linguagens, sendo difícil classificá-la por apenas um de seus aspectos - uma simples ida ao parque pode envolver simultaneamente a descoberta de conhecimentos sobre a natureza, o seu próprio corpo e suas habilidades motoras, as suas sensações e emoções, o modo como se comunicar e se relacionar com os outros, os conceitos matemáticos (cor, quantidade, tamanho, peso, forma, posição, direção etc.), as expressões artísticas (canto, dança, música, dramatização, desenho etc.). Se tiverem a oportunidade de viver cada detalhe de seu cotidiano, as crianças não necessitam de atividades artificiais para produzirem um conhecimento específico. Por isso, “ao planejar o trabalho, é

importante não tomar as linguagens de modo isolado ou disciplinar, mas sim contextualizadas, a serviço de significativas aprendizagens.” (*Ibidem*, p. 94).

1.2 A professora de Educação Infantil

A entrada nas instituições de Educação Infantil representa, geralmente, a primeira experiência de socialização dos bebês e das crianças bem pequenas em um ambiente coletivo, separadas de seus pais e familiares próximos, com pessoas totalmente desconhecidas. Nesse novo contexto, há a necessidade de construção de novos vínculos afetivos, que com o passar do tempo vão se tornando cada vez mais sólidos.

O ambiente das creches e das pré-escolas está repleto de profissionais que, mesmo não exercendo uma função propriamente educativa, ao se relacionarem com os bebês/crianças no decorrer da rotina, tornam-se educadores. No entanto, há aqueles que são responsáveis por conduzir diretamente o trabalho com o grupo de bebês/crianças: as professoras.

Mas, em que consiste ser professora de bebês e crianças bem pequenas? O que fazem e como ensinam?

A rotina de uma professora de educação infantil é complexa, nela se exige muita responsabilidade, flexibilidade e sutileza. É preciso propiciar todos os cuidados básicos de alimentação, higiene e bem-estar físico e emocional, identificando e atuando conforme o grau de autonomia de cada criança, isto é, se elas conseguem ou não realizar sozinhas ou se apenas precisam de auxílio; estar atento para que os pequenos não coloquem sua vida em risco durante as brincadeiras, porém sem controlá-los a ponto de impedir que enfrentem novos desafios e modifiquem os espaços; equilibrar momentos que exigem concentração com os que possibilitam livre movimentação; estabelecer limites respeitosos nas interações entre os indivíduos; reconhecer o momento em que o cumprimento dos horários estabelecidos devem ser adiantados ou atrasados para que as crianças possam vivenciar com mais calma as suas ações; abrir mão de uma atividade cuidadosamente planejada, pois naquele momento o grupo não está disposto a vivenciá-la; estar disponível para parar o que estiver fazendo para acalmar e acolher um bebê/uma criança que está frustrado(a) ou com algum incômodo, sem negligenciar suas necessidades de compreensão e apoio, além de respeitar as preferências de cada um e a maneira como desejam ser tratados(as).

O modo de se relacionar com os pequenos necessita de um olhar diferenciado, que por meio da observação sensível e da escuta atenta procure conhecer as particularidades de cada criança e as afinidades do grupo para que, assim, tenha subsídios para organizar o seu trabalho

diário e propor experiências significativas para todos, tanto no âmbito individual quanto coletivo. No entanto, apesar de as educadoras sempre procurarem realizar a sua prática com uma intencionalidade pedagógica, é preciso se deixar guiar pelos percursos propostos pelas crianças, pois muitas vezes eles nos surpreendem e ultrapassam nossas expectativas, enriquecendo a atividade de forma que nem a própria professora poderia ter imaginado e planejado.

É no convívio do dia-a-dia que professora e crianças vão construindo os vínculos afetivos e se conhecendo mutuamente. É importante que durante todo o processo educativo, a professora demonstre interesse sincero, carinho e alegria de estar junto com as crianças, para que elas se sintam acolhidas e aceitas da forma como são, adquirindo cada vez mais confiança nas suas potencialidades. Tardos (2010a) ressalta que o modo como que educadora e educandos se relacionam podem produzir efeitos positivos e negativos nas crianças, sendo que

As experiências prazerosas obtidas durante o tempo que passaram juntos enriquecem e diversificam a relação entre a criança e o adulto e fazem com que elas sejam cada vez mais estreitas, enquanto as experiências desagradáveis perturbam a criança, provocam ansiedade e desconfiança em relação ao adulto. (p. 66).

Durante as vivências, a partir do conhecimento e respeito pelas individualidades das crianças, a professora poderá propor e estimular cada uma conforme suas necessidades de desenvolvimento. No entanto, nem sempre é necessário que ela exerça uma posição central, intervindo a todo o momento. Na maioria do tempo, é preciso se afastar e observar como as crianças exploram e interagem com os elementos do ambiente em que estão, com os materiais disponibilizados pelos adultos e com os outros indivíduos de seu convívio. A partir de suas percepções, ela possui novos recursos para refletir e adequar suas ações às necessidades do grupo. Segundo Cipollone (1998),

grande parte do trabalho do educador está mais na organização dos espaços, dos materiais, dos tempos, dos percursos, de maneira que as crianças sejam orientadas indiretamente ao uso do ambiente que permita escolhas diversas quanto à capacidade, às necessidades, à possibilidade de estarem em grupo ou sozinhas. (p. 125).

Mais importante do que ensinar oralmente ou demonstrar como manipular um determinado objeto ou executar uma técnica de forma única e padronizada é estar em uma busca constante de identificação dos interesses dos bebês/das crianças; de seleção e de disponibilização de materiais que por si só irão aprofundar ou despertar a curiosidades e a necessidade de adquirir novos conhecimentos e habilidades; de reconhecer, de destacar e de valorizar o que as crianças

já sabem fazer, incentivando que as demais também experimentem ou que criem novas formas de fazê-lo; de promover momentos em que as crianças possam refletir sobre os problemas enfrentados e propor ideias para solucioná-los; de proporcionar tempo e espaço para que as crianças brinquem (individual ou coletivamente) e vivam sua infância, se desenvolvendo de forma natural, ampla e com sentido.

No entanto, é preciso ter cuidado para que a busca pela construção da autonomia das crianças não seja um pressuposto para que a professora deixe de acompanhar as ações realizadas pelas crianças. Mesmo que as crianças já tenham um alto grau de autonomia, é papel das educadoras dar suporte com a sua presença nas ações que elas já conseguem realizar sozinha, incentivando que novos desafios sejam enfrentados, pois

a educação para e na autonomia não supõe uma independência gerada pela ausência de atenção e contenção do adulto. Pelo contrário, é ao pensar e realizar algo junto ao professor, na confiança e na cooperação mútua, que as crianças aprendem a organizar suas experiências e orientar suas atitudes no coletivo. (BRASIL, 2009, p. 108-109)

Para que a professora esteja preparada para aproveitar ao máximo as possibilidades que as crianças propõem, é preciso que ela procure ampliar, a partir dos seus próprios interesses pessoais ou dos desafios que lhe são apresentados no decorrer de sua docência, o seu repertório cultural, artístico, científico e tecnológico, para conseguir reinventar a sua prática, construir e manifestar a sua marca pessoal/profissional e propiciar às crianças múltiplas formas de participação, manifestação e expressão, nas diversas configurações de linguagens.

A professora de educação infantil deve sempre se lembrar de que o tempo da criança não corresponde ao tempo cronológico do adulto e da organização do trabalho dos profissionais da instituição infantil. Muitas vezes, para o cumprimento das consecutivas tarefas da rotina, impõem-se que os bebês/as crianças sigam um ritmo acelerado e compulsivo, no qual elas não podem se deliciar com as minúcias da vida, nas quais elas realmente estão interessadas – as poças de água, o passarinho voando, o vento batendo em seu rosto, as folhas caindo das árvores, as sementes e gravetos no chão, a flor colorida e os bichinhos do jardim, a trilha de formigas, a degustação devagar dos alimentos, o comer de grão em grão, o caminho que não levará ao destino proposto... Apesar de não ser uma tarefa fácil, é preciso que a professora encontre um equilíbrio entre esses dois mundos, para que a rotina não seja artificial e cada bebê/criança seja respeitado(a) em seu ritmo individual, evitando comparações entre aqueles(as) que conseguem compreender ou executar uma ação de forma condizente e aqueles(as) que não.

1.3 O brincar

Criança é quase sinônimo de movimento; movimentando-se ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Criança é quase sinônimo de brincar; brincando ela se descobre, descobre o outro, descobre o mundo à sua volta e suas múltiplas linguagens. Descobrir, descobrir-se. Descobrir, tirar a cobertura, mostrar, mostrar-se, decifrar...

Eliana Ayoub

O brincar é uma manifestação social que possuiu significados distintos nas mais diversas culturas e períodos históricos, sendo influenciado pela concepção de jogo/trabalho e de infância da época vigente. Assim como essa prática se modificou ao longo dos tempos a partir das ideias correntes, podemos perceber que as concepções de criança, de educação e de professor, que permeiam a instituição de Educação Infantil, interferem de forma significativa na quantidade de espaços e tempos na rotina que essa atividade está garantida, assim como na qualidade de sua vivência e das possibilidades de organização das crianças.

As brincadeiras, individuais ou coletivas, estão presentes em todo o cotidiano da vida de um bebê/uma criança. Atualmente, elas são reconhecidas como uma atividade primordial da infância, sendo um dos direitos fundamentais da criança³. Na Educação Infantil, o brincar apresenta grande importância, pois, além de proporcionar momentos prazerosos e ativos de experimentação do mundo (e que por si só já são essenciais!), ao brincarem, as crianças vivenciam inúmeras aprendizagens fundamentais para o seu desenvolvimento e autonomia.

De acordo com Wajskop (1995),

O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característico da infância para experimentar o mundo do adulto, sem adentrá-lo como partícipe responsável. (p. 66).

No decorrer das brincadeiras, as crianças demonstram grande envolvimento e encantamento e mobilizam todas as partes do seu corpo, trabalhando em conjunto com os seus recursos externos e internos - a partir de uma única brincadeira, é possível desenvolver habilidades (físicas, motoras, cognitivas, emocionais, afetivas, sociais, linguísticas, etc.); se aventurar e enfrentar desafios; experimentar inúmeros sentimentos ao vivenciar encontros e confrontos; construir

³ O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) dispõe em seu Art. 16º, que o direito à liberdade da criança compreende, dentre outros aspectos, “brincar, praticar esportes e divertir-se.” (BRASIL, 1990).

uma maior consciência de si e do outro; dar significado aos objetos e gestualidades; compartilhar laços de confiança; interpretar e ressignificar os fenômenos naturais e sociais do mundo em que se vive; elaborar conceitos sobre as diversas áreas do conhecimento; tomar decisões; cultivar a imaginação e a fantasia; produzir narrativas; criar novas formas de agir, se expressar/comunicar e de solucionar conflitos; reinventar o mundo.

Mesmo que o brincar pareça natural às crianças, ele não é algo inato. As crianças aprendem a brincar por meio das relações com os indivíduos do seu convívio. Por isso, é importante que as crianças brinquem com pessoas de diversas idades e não apenas com seus pares, pois cada faixa etária poderá mediar a apresentação de novas brincadeiras ou torná-las cada vez mais complexas, enriquecendo o repertório lúdico das crianças. Apesar das brincadeiras serem um produto cultural das diversas sociedades e serem transmitidas tradicionalmente de geração em geração, além de elas serem repetidas inúmeras vezes conforme foram ensinadas, elas ainda podem ser transformadas por meio da criatividade e da participação livre das crianças, que possivelmente realizarão interferências e ajustes, em detrimento de suas necessidades e de seus desejos.

É interessante que se ofereça às crianças, de forma planejada e organizada, variadas oportunidades de brincar em ambientes amplos e externos, repletos de obstáculos e desafios, que convidem à exploração do movimento livre. A presença de objetos do cotidiano e materiais não-estruturados, proporcionam o conhecimento sobre as características físicas dos objetos (formas, texturas, cores, cheiros, gostos, sons, etc.), favorecem a criatividade e propiciam que os pequenos inventem novas formas de utilizá-los e de desempenhar suas funções.

No entanto, é preciso ter cuidado para que as brincadeiras presentes na instituição de educação infantil não tenham apenas um viés educativo e dirigido, isto é, no qual a criança apenas brinca de forma controlada, se houver a intencionalidade da professora ensinar algum conteúdo e/ou com a necessidade de um produto final. Durante a rotina, é preciso que a criança possua espaço, tempo e variedade de materiais para o livre brincar, no qual ela possa adquirir independência e escolher com autonomia sobre o que, como e com quem brincar.

Dentre os vários modos de brincar, é possível observar que nas brincadeiras de imitação, elas experimentam novas formas de explorar elementos, realizar ações e interagir com o mundo ao seu redor, além de ter a oportunidade de se perceber como um ser distinto do outro, pois apresentará preferências, habilidades e sentimentos diferentes de cada um de seus parceiros. Segundo Vigotsky (2007) “as brincadeiras das crianças são compostas, em sua maioria, por lembranças de situações já vivenciadas por elas. Os adultos são imitados e seus papéis sociais

são experimentados pelas crianças, que estão internalizando conceitos e inserindo-se no mundo que percebem”. (*apud* NAVARRO; PRODÓCIMO, 2012, p. 642).

Nas brincadeiras de faz de conta, as crianças possuem a capacidade de atribuir funcionalidades e significados diferentes para os objetos que estão manipulando e podem, a qualquer hora, se transformar, quantas vezes quiserem, nas personagens que preferirem, com as características que escolherem, desempenhando as atividades que desejarem, sem as devidas pressões que sentiriam se estivessem passando pela situação verdadeiramente - uma criança vestida de palhacinha pode estar levando a sua filha doente no hospital montada em um cavalo, que está sendo representado por um cabo de vassoura. Sendo assim, os momentos de brincadeira apresentam contextos infinitos e extremamente ricos e inusitados, nos quais

as crianças podem se colocar desafios para além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de sua realidade, modificam-nas de acordo com suas necessidades. Na atividade de brincar, as crianças vão construindo a consciência da realidade ao mesmo tempo em que já vivenciam uma possibilidade de modificá-la. (WAJSKOP, 1995, p. 67).

Capítulo 2 – O brincar com o corpo da professora

Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz. Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles

A partir do contexto das especificidades e das relações na Educação Infantil, o presente trabalho tem como foco de sua pesquisa as situações em que as crianças utilizam o corpo da professora para brincar, interagir, descobrir e se desenvolver. Quando me deparei com as primeiras percepções das crianças utilizando o meu corpo como recurso para as suas brincadeiras, meu olhar se manteve atento a esse modo de contato e, conforme me dedicava a observá-la, o levantamento de brincadeiras foi se tornando cada vez mais amplo.

É preciso destacar que as brincadeiras a seguir apresentadas possuem inúmeros aspectos culturais e sociais da minha trajetória desde pequena. A maioria delas não foi criada durante a pesquisa, elas sempre estiveram inseridas em minhas práticas lúdicas e algumas até são bastante conhecidas por todos, pois pertencem ao repertório de brincadeiras tradicionais da infância. Certamente, professoras que viveram em outro contexto histórico, social ou cultural devem igualmente possuir mais brincadeiras, diversas das que estão aqui elencadas e que poderiam enriquecer essa seleção.

Ao realizarmos a análise do material coletado ao longo dos últimos cinco anos, identificamos que é possível classificar as brincadeiras em três categorias, de acordo com os diferentes modos que elas se relacionam: brincadeiras propostas espontaneamente pelas próprias crianças com o corpo das educadoras; brincadeiras propostas espontaneamente pelas crianças com os acessórios e vestuário das professoras e brincadeiras com o corpo propostas pelas educadoras.

A seguir, apresentaremos de forma descritiva as brincadeiras que serviram de inspiração para este estudo, com o intuito de exemplificar e compartilhar algumas experiências de interação entre corpo/vestimenta da professora e os bebês/as crianças de suas turmas. Para melhor explicitar algumas delas, serão produzidas também narrativas a respeito do contexto de como elas se originaram, com algumas observações sobre as ações e as reações das crianças durante as suas participações e/ou desdobramentos das propostas iniciais - alguns relatos também contarão com o aporte de imagens das crianças envolvidas nesse modo de brincar.

A) **Brincadeiras propostas pelas crianças com o corpo da professora**

- **Passar por baixo das pernas**

Muitas vezes, quando a professora está em pé, observando os pequenos brincarem, alguma criança se aproxima e encosta na professora. Nessa interação, encontra vãos pelo corpo da educadora, como entre as pernas. Primeiro, elas começam devagar, passando partes de seu corpo, como as mãos e os braços ou os pés e as pernas. Em seguida, tentam passar com todo o seu corpo. Ao realizar uma vez, passam outra e mais outra. As crianças ao redor, geralmente, se interessam pela brincadeira e, também, se aproximam para participar. E, assim, instaura-se uma brincadeira divertida de passar por entre as pernas da professora, na qual as crianças se revezam para passar ou, então, disputam o espaço, pois duas ou mais querem atravessar ao mesmo tempo.

Essa foi a primeira brincadeira que despertou a minha atenção. A princípio, senti um grande incômodo, pois não demorava muito para eu começar a me desequilibrar com os movimentos bruscos das crianças, que ora me empurravam para frente, ora para trás. Mas, ao perceber que estavam se divertindo e após um pouco de orientação e negociação, fui me acostumando e até gostava de poder proporcionar esse desafio para elas.



Adriana da Rosa Frezzato

Figura 1 – Passando por baixo da perna da professora

- Passar por cima das pernas

Quando se trabalha com bebês, as professoras passam boa parte da rotina, sentadas no chão, interagindo com eles. Quando a educadora está com as pernas estendidas, os bebês que estão engatinhando, ao passar por perto da professora, não desviam os seus caminhos, eles escolhem continuar a sua rota e passar pelo obstáculo das pernas.



Acervo Pessoal



Karolyne Souza

Figuras 2 e 3 - Passando por cima das pernas da professora

- Passar por cima e por baixo de uma perna estendida

Certa vez, enquanto estava sentada em um banco com uma das minhas pernas estendida em outro, uma criança começou a colocar suas pernas sobre a minha e passar, de um lado para o outro. Assim como na brincadeira de passar por baixo das pernas, no início havia apenas esta, mas, quando outras crianças perceberam essa possibilidade, elas foram se aproximando. Durante a brincadeira, as crianças que não conseguiram levantar a sua perna e alcançar a minha para passar, não deixaram de participar - elas passaram por baixo, engatinhando ou apenas se abaixando.

- Escalar

Essa é uma brincadeira constante entre os bebês e suas professoras. Nessa faixa etária, principalmente na fase da adaptação, os bebês sentem bastante necessidade de manter contato físico com os adultos. No entanto, para eles não basta apenas ficar próximo ou sentado no colo, eles querem se movimentar e para isso, começam a escalar o corpo da professora, esteja ela sentada ou em pé. Em instantes, após um bebê começar a brincadeira, logo em seguida outros bebês vão se aproximando e a professora não consegue nem mais se mexer.

- Equilibrar, andar e dançar com os pés em cima dos pés da professora

Quando as professoras estão em pé, outra brincadeira que sempre aparece é as crianças colocarem os seus pés em cima dos pés das professoras. Apenas ficando parada de mãos dadas com a professora, a criança já se diverte, pois é um desafio para ela se equilibrar. Para que a brincadeira seja ainda mais prazerosa, a professora pode se locomover, como se estivesse andando ou dançando alguma música.

- Descoberta do umbigo

Um importante acontecimento para os bebês e as crianças bem pequenas é a descoberta do umbigo da professora, do seu umbigo e dos demais colegas. Após constatarem a sua existência, as crianças sempre pedem para revê-lo ou simplesmente levantam a blusa da professora para observá-lo e, até mesmo, tentarem colocar o dedo dentro dele. Uma brincadeira muito engraçada, que constantemente nos deparamos durante essa exploração, só que entre as crianças e não com a professora, é quando acontece de (após as crianças levantarem as suas blusas e mostrarem os seus umbigos uma para a outra) elas se abraçarem e tentarem unir os seus umbigos.

- Marcas no nosso corpo (pintas, verrugas, cicatrizes, unhas pintadas, tatuagens, sujeiras etc.)

As crianças ficam fascinadas quando visualizam alguma pintinha ou marca em nosso corpo, querem colocar a mão ou ficam cutucando com as pontas dos dedos, para descobrirem o que é.

Quando percebem que as professoras estão com as unhas pintadas, elas geralmente seguram as suas mãos, pedem para ver, passam os dedinhos em sua superfície e realizam expressões faciais e/ou falas que condizem com a sua apreciação ao fato ou a alguma experiência de suas vidas. Eu não tenho nenhuma tatuagem, mas já ouvi relatos de professoras e presenciei momentos em que as crianças descobrem os desenhos ou os escritos no corpo dos adultos - elas esfregam ou passam o dedo com cuspe ou água, em uma tentativa de retirá-los, pois acreditam que elas saem, assim como aquelas que elas utilizam.

B) Brincadeiras propostas pelas crianças com os acessórios e os vestuários das professoras

- Olhar e/ou se esconder por baixo da blusa da professora

As crianças possuem uma curiosidade imensa sobre o nosso corpo e quase sempre procuram olhar por baixo de nossas blusas, vestidos ou saias. Como utilizo um jaleco que é mais soltinho embaixo, várias vezes, as crianças e até mesmo os bebês, ficam em pé, levantam os seus braços e puxam o tecido de forma que consigam olhar lá dentro. Aproveitando essa ação, geralmente, puxo a minha gola e encontro o olhar do bebê ou da criança. Nesse momento, elas se surpreendem e a brincadeira de achar se estabelece.

- Brincos, colares, relógios, pulseiras, lacinhos de cabelo, óculos, roupas com desenhos etc.

Os acessórios que as professoras geralmente utilizam em seu dia-a-dia também são alvo da curiosidade das crianças, que além de os olharem atentamente, apontarem, manipularem (segurando, puxando, apertando, tentando retirar, colocando na boca, fazendo carinho etc.), podem utilizá-los como recursos para o estabelecimento de diálogos e narrativas.

- Manusear o zíper, os botões, os cordões, os bolsos e o capuz dos agasalhos das professoras

Mesmo quando estão sentadas no colo das professoras, as crianças não ficam ociosas e aproveitam cada detalhe de suas roupas para brincarem. Nos dias frios, nos quais as professoras utilizam moletoms, que são peças de roupas que possuem alguns adereços, as crianças não demoram para começar a manuseá-los: segurando e movimentando o zíper para cima e para baixo, abotoando e desabotoando os botões, balançando e até mesmo colocando os cordões na boca, retirando os objetos que estão no interior dos bolsos, brincando de esconder ao colocar as mãos dentro do capuz, etc.

- Desamarrar os cadarços do tênis

Essa brincadeira dos bebês eu demorei para perceber. Quando iniciei o meu primeiro ano de trabalho pedagógico com bebês, reparei que, em diversos momentos, os cadarços do meu tênis estavam desamarrados. Achava estranho, afinal geralmente eu amarrava os cadarços assim que colocava o tênis, sem precisar ficar refazendo o laço durante o dia. Um certo dia, eu estava sentada no chão com os bebês, quando percebi que um deles foi com a sua mão até o

meu cadarço e o puxou. Seguidas vezes, eu amarrei o meu cadarço e ele desamarrou, até que ele perdeu o interesse e procurou outra atividade para fazer. Depois disso, observei mais atentamente e percebi que, não somente ele, mas outros bebês também gostavam de puxar os fios do cadarço, desfazendo o laço.



Acervo Pessoal



Acervo Pessoal



Lana Maciel

Figuras 4, 5 e 6 – Bebês puxando os cadarços dos tênis das professoras

- Brincadeiras de faz de conta

Não são raros os momentos que as crianças utilizam o nosso corpo durante as brincadeiras de faz de conta.

Quando trabalhei com as crianças entre dois a três anos, assim como nós verificávamos as fraldas de quem ainda usava, para ver se haviam feito as suas necessidades fisiológicas e estava na hora de trocá-las, elas também se dirigiam a nós, puxando as nossas calças e perguntando “Fez cocô? Fez?”.

Durante as brincadeiras com embalagens vazias de materiais de uso doméstico (shampoos, sabonetes, hidratantes, manteiga, iogurte, pentes etc.) elas sempre querem lavar,

pentear e amarrar os nossos cabelos, passar creme em nosso corpo, dar comida em nossa boca, entre outras ações que vivenciam em seu dia-a-dia.

Ao verem nós nos machucando ou ao encontrarem algum ferimento em nosso corpo, primeiro elas se admiram, pois devem acreditar que somente crianças é que se machucam, mas, em seguida, fazem cara de tristeza e querem fazer um curativo, desempenhando o papel de enfermeiro, médico ou de seus cuidadores.



Acervo Pessoal



Karolyne Souza

Figuras 7 e 8 – Brincando com os cabelos da professora

C) **Brincadeiras com o corpo, propostas pela professora**

- **Desaparecer nas rampas**

Essa brincadeira surgiu após uma dificuldade minha em manter todas as crianças unidas no trajeto entre a sala da turma para os outros espaços da creche. A unidade da DEDIC que recebe as crianças acima de dois anos, é um prédio de dois andares, no qual para ter acesso aos pisos superiores é preciso subir e descer rampas, em formato de “U”. Eu sempre dizia para que elas não ficassem muito para trás porque em um determinado momento nós não conseguiríamos nos ver mais e se acontecesse algum acidente, eu não estaria lá para ajudá-las. Como não estava mais adiantando só falar e as inúmeras tentativas de cantar músicas e contar histórias já não estavam mais funcionando, pois acredito que as crianças já estavam enjoadas desses recursos, um dia, baseado nessa mesma fala de que não me veriam, tive a inspiração de dizer que prestassem a atenção em mim naquele momento porque eu iria fazer uma magia: eu iria desaparecer! Eu comecei falando em tom de suspense e bem devagar “*A Fran vai de-sa-pa-re-cer!*” e saí correndo para a curva da rampa, na qual fiquei escondida, esperando que eles me encontrassem. As crianças ficaram eufóricas, saíram correndo atrás de mim e quando me viram,

falaram “Achei!!!”, “Achei a Fran!!!”, “Está aqui!!!”, dando muitos gritos e gargalhadas. Até mesmo aquelas crianças que sempre demoravam para alcançar o grupo, nas outras vezes, percebendo o movimento e a alegria da turma, não demoravam mais para se juntar ao grupo quando de repente eu soltava a esperada frase de que iria desaparecer. Para dificultar, após as crianças estarem craques em me encontrar, eu não parava na primeira curva da rampa e os aguardava na segunda. Eles ficavam mais eufóricos ainda, pois quando não me viam onde estavam acostumados, tinham realmente a sensação de que eu havia desaparecido de verdade.

- Esconder as mãos e os pés na areia

Nos momentos em que estamos no parque de areia, uma das brincadeiras que despertam bastante interesse nas crianças é a de enterrar as mãos ou os pés na areia. Vamos jogando areia por cima, até que essas partes do corpo desapareçam. Em seguida, as crianças as retiram do monte. Elas demonstram muita satisfação em encontrá-las e começar tudo novamente.

- Brincar de “avião”, com a professora em pé

Nessa brincadeira as crianças deitam-se em nossos braços de barriga para baixo, esticam os braços e são carregadas com movimentos que simulam um voo. Não demora muito para que uma fila de crianças apareça querendo participar e depois pedindo para repetir a aventura.



Karolyne Souza

Figura 9 – Brincando de “avião” com a professora em pé

- Brincar de “avião” deitado no chão

Essa brincadeira acontece com a professora deitada no chão, de barriga para cima e com os joelhos dobrados. A criança senta-se no peito do pé da professora, de frente com ela. De mãos dadas com a criança, a professora levanta a sua perna e a criança fica apoiada com o seu tronco na parte inferior da sua perna. Estando nessa posição, a professora estica os braços da criança, conforme as asas de um avião, e faz movimentos para baixo, para cima, para um lado e para o outro. Até que é preciso que ocorra uma aterrissagem, pois a fila de embarque já deve estar longa.

No ano em que fui professora da “Turma do Avião”, brincadeiras de voar como se fosse esse meio de transporte eram frequentes no grupo e as realizávamos em diversos espaços da creche. Certa vez, estávamos no parque, junto com algumas turmas da pré-escola e começamos a brincar de avião deitadas na grama, pois a minha parceira e eu pensamos que as crianças maiores nem ligariam para o que estávamos fazendo - por aparentemente ser uma brincadeira simples e que não oferece grandes desafios para elas. Porém, após duas ou três crianças da turma terem participado, algumas crianças de outros grupos quiseram voar também. Mesmo sabendo que não seria fácil, até tentamos com uma ou duas crianças, porém tivemos que encerrar os voos, pois elas eram muito mais pesadas do que as crianças de dois anos e nós não tínhamos forças para manter a brincadeira por um tempo prolongado. Depois dessa experiência, sempre tomamos o cuidado de não propiciar esse modo de brincar, que demanda um certo esforço do corpo da professora, em locais que haja uma grande quantidade de crianças ou que elas sejam maiores do que conseguimos suportar, para que não prejudiquemos o nosso físico e nenhuma criança seja discriminada ou excluída da brincadeira.

- Brincar de “cavalinho”

A brincadeira de “cavalinho” consiste em carregar uma criança sentada em suas costas. A professora oferece suporte com as mãos para a criança ficar sentada, enquanto ela abraça a professora pelo pescoço ou segura em seu ombro. O momento de andar é o que oferece mais empolgação para a criança, que se diverte como se estivesse montando e trotando realmente em um cavalo. No entanto, essa é uma das brincadeiras que as crianças mais demonstram insegurança e dependendo do grau de seu medo, elas não querem repetir. Para as crianças que não possuem medo, a professora pode dar um pouco mais de emoção à brincadeira, tombando um pouco o seu corpo para um lado e para o outro.

Para os bebês pode-se realizar uma adaptação, sentando-se nas pernas das professoras.



Acervo Pessoal

Figura 10 – Brincadeira coletiva de “cavalinho” nas pernas da professora.



Acervo Pessoal

Figura 11 – Brincando de “cavalinho” nas costas da professora deitada no chão

- Serra-serra serrador

Uma brincadeira tradicional de nossa cultura popular que também faz muito sucesso com as crianças. A criança senta-se no colo da professora, de frente com ela. Elas se dão as mãos e a professora faz movimentos de forma que a criança desça o seu tronco para trás e depois suba novamente, repetidas vezes, enquanto durar a parlenda. Há crianças que no início possuem um pouco de medo ao descer o tronco, mas ao verem as outras crianças gostando, acabam pedindo para repetir e logo se acostumam com o movimento. No meu repertório de cantigas e parlendas, eu apenas conhecia a primeira versão apresentada abaixo, porém, no decorrer da minha experiência docente, as professoras me ensinaram duas novas versões:

*“Serra, serra serrador,
Serra o papo do vovô.”*
ou
*“Serra, serra serradinha
Serra o papo da galinha.”*
ou
*“Serra, serra serrador,
Serra o papo do vovô.
O vovô já ‘tá’ velhinho
Serra o papo no netinho.”*

- Pingué

Quando eu era criança, eu adorava brincar dessa brincadeira, que eu conhecia como “pingué”. Sempre que tenho a oportunidade, eu proponho para as crianças. Nessa brincadeira, uma pessoa estende a mão em alguma superfície, enquanto outra faz um movimento de pinça e pega delicadamente a pele da mão que está estendida. O passo anterior se repete, até que não sobrem mais mãos livres. Quando se esgotam as mãos, todas as mãos sobem e descem juntas, tentando não soltar umas das outras, falando “Pingué-Pingué”. A brincadeira termina quando as mãos se soltam e todos começam a fazer cosquinhas, uns nos outros. Essa brincadeira é muito legal, pois também consegue-se brincar com mais de duas pessoas.

- Parlendas e brincos populares

As parlendas e brincos populares oferecem um conjunto de brincadeiras orais e corporais nas quais os bebês e as crianças não se cansam de repetir. No decorrer da narrativa elas promovem um contato físico entre os brincantes, além de propiciar uma agradável combinação de ritmos, rimas, entonações e imagens que encantam os nossos ouvidos e a nossa imaginação.

Entre os quais adorava brincar quando criança e ainda brinco como professora com os meus bebês/minhas crianças, estão:

“Janela, janelinha
(a cada palavra passa-se o dedo indicador delicadamente
sobre os olhos da criança, fechando-os)
Porta, campainha
(ao falar: *porta* pousa-se o dedo sobre a boca da criança e *campainha* sobre o nariz)
Bimbom!”
(aperta-se o nariz da criança, emitindo a onomatopeia)

As crianças gostam tanto dessa brincadeira que elas mesmo logo começam a reproduzir os seus gestos com os outros colegas e com a professora - principalmente o apertar do nariz para que se diga “Bimbom!”.

“Cadê o toucinho que estava aqui?

O gato comeu.

Cadê o gato?

Está no mato.

Cadê o mato?

O fogo queimou.

Cadê o fogo?

A água apagou.

Cadê a água?

O boi bebeu.

Cadê o boi?

Está amassando trigo.

Cadê o trigo?

A galinha espalhou.

Cadê a galinha?

Está botando o ovo.

Cadê o ovo?

O padre comeu.

Cadê o padre?

Está rezando a missa.

Onde está a missa?

Por aqui, por aqui, por aqui, por aqui!!!”

(No colo, ao lado ou de frente uma com a outra, a criança estende a mão - aberta e virada para cima - sobre a mão da professora. Ao fazer a pergunta a professora desliza a sua mão sobre a mão da criança, que responde de acordo com a parlenda – quando a criança ainda não fala ou não conhece o diálogo, é preciso que a professora responda por ela. Na frase “*Por aqui, por aqui, por aqui, por aqui!!!*”, a professora caminha com os dedos sobre o corpo da criança, fazendo uma espécie de cosquinha.)

“Minguinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolo e mata piolho.”

(Brincadeira na qual cita-se e pega-se os dedos das mãos ou dos pés. Os nomes oficiais recebem uma versão popular, de acordo com as suas características físicas ou as suas supostas funcionalidades: minguinho é o dedo mínimo, vizinho é o anelar, pai de todos é o dedo médio, fura bolo é o indicador e mata piolho é o polegar.)

- Brincar de pedalinho

Outra brincadeira que acabo recordando muito de minha infância, pois nos intervalos dos programas de televisão, geralmente a fazia com a minha mãe, deitada no sofá. Professora e criança deitam-se no chão, de barriga para cima e de frente uma com a outra. Com os joelhos dobrados, elas encostam as solas de seus pés e começam a fazer o movimento de pedalar. Para deixar a brincadeira ainda mais interessante, sempre que brincamos acrescentamos a seguinte música:

*“Pedala, pedala, pedala pedalinho
Pedala pra longe, bem devagarinho.”*



Acervo Pessoal

Figura 12 – Brincando de “pedalinho” com a professora

- Sons com as partes do corpo

As crianças adoram brincar com instrumentos musicais e explorar os seus diversos sons. É uma descoberta incrível para elas quando percebem que dependendo da forma como batemos nas diferentes partes do nosso corpo, novos sons são produzidos. Os sons realizados com a boca (os beijos, os assobios, os roncoss, os sopros, os bocejos, o bater dos dentes, o trepidar da língua e dos lábios, estalos da língua com a boca aberta e fechada) podem se assemelhar a vários barulhos dos elementos que encontramos ao nosso redor (o andar do cavalo, o som da chuva, do vento, o motor de veículos etc.) e, com isso, a educadora pode aproveitá-los para inserí-los nas sonorizações de suas cantigas e histórias.

Certa vez, em um momento de higiene, ao ser chamada para a sua vez de trocar a sua fralda, uma criança começou a chorar porque não queria parar de brincar. Peguei-a no colo, conversei com ela e, em seguida, para distraí-la, comecei a cantar a música “Passarinho, que

som é esse?”, composta por Hélio Ziskind para o programa Castelo Rá-Tim-Bum⁴. Como não possuía instrumentos naquele momento comecei a estalar a minha língua com a boca fechada, o que chamou bastante a sua atenção e a fez parar de chorar. Perguntei para ela se ela sabia o que esse som parecia e se ela conseguia fazer igual. Ela gostou da ideia e começou a tentar me imitar. Durante todo o momento que permanecemos no trocador, cantamos algumas vezes a canção, mudando os movimentos e associando o som produzido pela boca com algum barulho similar.

Apenas com os movimentos que as professoras demonstram para as crianças durante as vivências e o que elas mesmo criam, já seria de extremo valor, porém, se possível, seria interessante que fosse apresentado às crianças espetáculos e músicas de companhias artísticas que pesquisam e trabalham com percussão corporal, para ampliar o repertório de possibilidades de sons realizados com o próprio corpo, como o do grupo “Barbatuques”.

- Coreografia de músicas

As brincadeiras mais frequentes na Educação Infantil são aquelas que envolvem cantigas e suas coreografias. Na maioria das vezes, a dança antecede o cantar. Mesmo sem saber falar, as crianças já executam seus gestos para manifestar o seu desejo por determinada música e não outra. As cantigas podem conter movimentos livres, movimentos literais, que correspondem diretamente aos elementos apresentados na música ou podem ter movimentos criados especificamente para uma música com palavras que não possuam um significado em nossa língua. Temos como exemplo, para esta última especificação, a música “Yapo”, do Grupo Musical Palavra Cantada:

*“Yapo, iá iá, e e ô
Yapo, iá, iá, e e e
Yapo, iá, iá Yapo
E tuque, tuque
Yapo e tuque, tuque, e e e”*

(Enquanto se canta: “Yapo”, bate-se com as duas mãos nas coxas;

“iá iá”, bate-se com as mãos no peito com os braços cruzados;

“e e ô” ou “e e e”, faz-se três estalos com os dedos, na frente do corpo e no ritmo da música;

“tuque, tuque”, bate-se com as duas mãos na cabeça.)

⁴ Programa infantil exibido pela TV Cultura, desde o início dos anos 90 até os dias atuais. A música “Passarinho, que som é esse?” pertence a um quadro no qual três passarinhos apresentam às crianças diversos instrumentos musicais.

Essa é uma música que, apesar de possuir movimentos simples, a sua coreografia é bem complexa para os pequeninos - muitas vezes, a princípio, até para os adultos, principalmente quando se aumenta a velocidade! Todavia, quando as professoras começam a cantar e dançar, imediatamente a maioria delas volta o seu olhar para as educadoras e se aproximam, batendo as mãos na cabeça, referindo-se a parte do “tuque, tuque”, trecho que, geralmente, mais gostam.

- Dançar no colo

Quando as professoras colocam canções de diferentes estilos musicais (blues, clássico, forró, jazz, MPB, pop, reggae, rock, salsa, samba, entre outros) e nacionalidades para as crianças apreciarem e dançarem, é possível também pegá-las no colo para que realizem alguns passos e acompanhem o ritmo junto com a professora.

- Contação de histórias

Algumas vezes é possível contar histórias utilizando apenas a voz e o corpo. As crianças, além de observarem as professoras nesse papel de contadoras de histórias, frequentemente repetem os gestos e recriam movimentos para a história, além de esperarem ansiosamente para que seja a sua vez de participar da narrativa, como é o caso da história que frequentemente conto com as mãos, intitulada “Dois passarinhos”⁵:

*“Era uma vez, dois passarinhos, cada um no seu ninho.
O primeiro acordou, abriu as asas, se espreguiçou, saiu voando e
numa cabeça pousou (pode-se dizer o nome de uma criança).
Fez cosquinhas, deu um beijo na ponta do nariz,
voltou voando pro seu ninho e dormiu feliz.
O segundo passarinho acordou, abriu as asas, se espreguiçou, saiu voando e
numa cabeça pousou (pode-se dizer o nome de outra criança).
Fez cosquinhas, deu um beijo na ponta do nariz,
voltou voando pro seu ninho e dormiu feliz.
No dia seguinte, os dois passarinhos acordaram, abriram as asas, se espreguiçaram,
deram um gostoso abraço e juntos voaram e em diversas cabeças pousaram.
Fizeram cosquinhas por todas que passaram, deram beijos em muitos narizes.
Juntos voaram para os seus ninhos e dormiram felizes!”*

⁵ Conheci essa história e os gestos para se contá-la com as mãos através do Canal do Youtube “Fafá Conta”, idealizado pela atriz e contadora de histórias Flávia Scherner. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=d36AOM9FqG4>, acessado em 1º de maio de 2019.

- Imitar os animais

A rotina da Educação Infantil é permeada por inúmeras cantigas e histórias que tratam a respeito dos modos de viver e de ser dos animais. As diversas espécies são uma temática quase unânime de interesse das crianças e, sendo assim, os seus movimentos e vocalizações não poderiam ficar distantes das nossas vivências e brincadeiras. No entanto, as crianças se espelham muito na postura do adulto para se entregarem a algumas brincadeiras dirigidas. Não basta que a professora de crianças bem pequenas proponha verbalmente a imitação de animais ou qualquer outro movimento. Nessa faixa etária, para que as crianças participem ou tenham alguma ideia de representar algo que já viu, muitas vezes ela precisa do auxílio e interação da professora, que durante a brincadeira faz as posições dos animais e emite seus sons, estimulando a participação das crianças e valorizando as expressões que criaram, além daquelas previamente apresentadas.

- Realizar posições de Yoga

As crianças realizam naturalmente alguns movimentos que se assemelham às posições da Yoga, como, por exemplo, a do ‘cachorro olhando para baixo’, a da ‘cobra’, a do ‘arado’, a da ‘pinça’, a da ‘pinça em pé’, etc. Assim, seria interessante, aproveitar essa habilidade das crianças, chamando a atenção das demais crianças do grupo para o que algumas crianças estão realizando e, se for possível à professora, trazer novas posturas às crianças, com o intuito de ampliar o repertório de possibilidades de movimento que elas são capazes de fazer com o seu corpo. Existem até algumas histórias para crianças, que possuem referência na filosofia da Yoga, para serem contadas com corpo⁶.

- Brincadeiras de mão

As brincadeiras de mão não são nenhuma novidade quando se trata do universo infantil. Desde muito pequenas, as crianças já são capazes de realizar algumas brincadeiras musicais, de acordo com o seu ritmo e com o auxílio das professoras. Duas canções sempre estão presentes em minha prática, pois as crianças demonstram muita aceitação e interesse em participar ou reproduzir sozinha. São elas a do “Soco, soco, bate, bate” e a “Dona Mariquinha”.

⁶ Ver: FERRO, Maria; FREITAS, Fabrisia. **Histórias para se contar com o corpo**. Rio de Janeiro: Odisseia, 2011.

*“Soco, soco
 Bate, bate
 Soco, soco
 Vira, vira
 Soco, bate
 Soco, vira
 Soco, bate e vira”*

(A brincadeira é realizada entre duas pessoas que ficam de frente, realizando os mesmos movimentos, uma com a mão da outra. Deve-se seguir os seguintes comandos, quando se diz: ‘soco’, fecha-se os dois punhos, batendo nas mãos do parceiro; ‘bate’, com as duas mãos abertas, bate-se palmas com o parceiro; ‘vira’, as duas mãos abertas viram com a palma para a própria pessoa, batendo costas de mãos com as costas de mãos do parceiro.)

A brincadeira pode ser realizada individualmente, com as duas palmas das mãos unidas na altura do peito, ou em duplas, uma pessoa de frente com a outra unindo as suas palmas das mãos.

*“Oi, oi, oi
 (Bate-se os dedos polegares)
 Quem será?
 (Bate-se os dedos mínimos)
 Dona Mariquinha,
 (Bate-se os dedos indicadores)
 Pode entrar!
 (Bate-se os dedos anelares)
 Olê, olê, olê, olê, olê, olá!
 Olê, olê, olê, olê, olê, olá!*

(Ao dizer cada palavra, os dedos médios se cruzam, de um lado para o outro)

Oi comadre!

(Palma da mão unida, olha-se para o lado direito e manda-se beijos)

Oi ‘cumpadi’!

(Palma da mão unida, olha-se para o lado esquerdo e manda-se beijos).

- Torres com as mãos

Essa brincadeira consiste em colocar as mãos dos participantes, umas sobre as outras, sem parar. Quando não tiver mais mãos, qualquer uma que estiver no monte, pode-se retirar e ocupar o topo e, assim, sucessivamente, até virar uma tremenda bagunça e a torre desmoronar. No início, as crianças começam a realizar esse movimento bem devagar, mas quando elas compreendem a brincadeira, elas começam a ir cada vez mais rápido. Essa brincadeira pode acontecer com apenas duas pessoas, mas ela fica mais divertida quando se há mais que três participantes.

- Balança caixão

A criança deita-se no chão e uma professora a segura pelos pés e outra pelas mãos. Enquanto se canta o enunciado da brincadeira “*Balança caixão, balança você, dá um tapa no bumbum e vai se esconder*”, as professoras balançam a criança de um lado para o outro. No final, elas retornam a criança ao chão, se escondem e aguardam que a criança descubra onde elas estão. Com as crianças bem pequenas, essa brincadeira torna-se apenas mais uma forma diferente e divertida de brincar de pega-pega, pois como elas não permanecem de olhos fechados, as professoras não conseguem se esconder. Com os bebês, uma única professora pode balançá-lo em seus braços, proferindo o enunciado e batendo carinhosamente em seu bumbum, eles costumam gostar e dar muitas risadas quando já estão acostumados com a brincadeira.

- Esconder e achar

Essa é a brincadeira típica que os adultos realizam com os bebês, tanto escondendo e mostrando o seu próprio rosto ou cobrindo e descobrindo o rosto do bebê. Ao invés das mãos algumas pessoas utilizam algum objeto, acessório ou vestimenta para desaparecerem, dizendo “Cadê?”, e, após algum tempo, aparecem com um alegre “Achou!!!”. Essa brincadeira quase sempre agrada e diverte os bebês, que se espantam, seguidas vezes, durante o esconde-esconde.

Ela ainda pode acontecer se a criança estiver no colo de outra pessoa e a professora se esconder atrás dela, revezando os lados em que aparece. Certa vez, também ocorreu enquanto estava sentada no chão e um bebê se aproximou engatinhando por trás de mim. Ao tocar as minhas costas, virei apenas o meu rosto para o lado direito, dizendo “Oie!” e olhando para ele. Ele sorriu para mim e começou a se levantar. Quando estava de pé, olhei para o lado esquerdo e ele riu ainda mais ao me encontrar do outro lado. Repetimos esse movimento para a direita e para a esquerda por mais algumas vezes, até que ele veio para o meu colo.

- Brincar de rodopiar

Se a criança for muito pequenina, a professora pode segurá-la deitada em seus braços, tanto de barriga para baixo quanto para cima, segundo o desejo e/ou grau de segurança da criança. Se ela já for maior, a brincadeira pode ocorrer com a criança em pé, de mãos dadas com a educadora e de braços esticados ou com o antebraço da professora dando suporte nas axilas da criança. Em ambas as formas, a dupla começa a rodopiar, girando no seu próprio eixo.

- Virar de ponta cabeça

Quando a professora estiver em pé com uma criança no colo, pode-se brincar de virar de cabeça para baixo. As crianças costumam gostar de ficar nessa posição, pois, desta forma, assumem um ponto de vista diferente do habitual e, assim, entram em contato com novas sensações. No entanto, é preciso muito cuidado na escolha do momento, da velocidade e do tempo em que se irá fazer essa brincadeira, pois a criança pode passar mal.

- Pega-pega

Quando as crianças começam a se locomover pelo espaço, a professora pode começar a brincar de pega-pega com elas. Primeiro começo com um olhar, com um sorriso e com a frase “Vou pegar você!”. Dependendo da mobilidade da criança, vou devagar ou saio em disparada na sua direção dizendo “Vou pegar, vou pegar...” e, normalmente, a criança se esforça para que eu não consiga pegá-la. Em um determinado momento, realmente a alcanço, digo “Vou pegar... pra encher de beijos!!!” e a pego no colo para beijá-la. Quando as crianças já estão acostumadas, o desfecho vai se modificando de acordo com as preferências de cada criança (rodar, abraçar, colocar de ponta cabeça, balançar, etc.), que venho observando. Se percebo que a criança não quer ser tocada, ela também é respeitada.

Uma canção que geralmente as crianças gostam muito - pois envolve o Lobo, uma personagem muito presente nas histórias infantis e que produz um misto de assombro e encantamento no imaginário dos pequenos - e que incentiva à brincadeira de pega-pega é a “Enquanto o Seu Lobo não vem!”:

“Vamos passear no bosque enquanto o Seu Lobo não vem!

Está pronto Seu Lobo?

E o Lobo responde:

- Não, estou colocando a camisa!”

(Este trecho se repete, cada vez com uma vestimenta diferente, até que o Lobo esteja totalmente vestido.)

Vamos passear no bosque enquanto o Seu Lobo não vem!

Está pronto Seu Lobo?

- Estou! E vou pegar vocês!!!”

- Pega-pega, rola-rola

A brincadeira “Pega-Pega, Rola-Rola” apareceu espontaneamente em uma das vivências na Sala Cri-Cri⁷, que é uma sala com o chão coberto por um grande tapete emborrachado e com diversos equipamentos que estimulam o desenvolvimento motor. Em um determinado momento, as crianças e eu estávamos deitadas no chão. Senti vontade de me alongar e comecei a me espreguiçar, esticando e virando de um lado para o outro. As crianças que estavam por perto ficaram me observando e algumas começaram a me imitar, achando graça. Percebendo isso, rolei até a criança mais próxima e encostei nela, dizendo “Peguei você!”. Ela riu para mim, parecendo ter gostado da brincadeira. Voltei ao meu lugar. Os outros olhinhos estavam aguardando para saber qual seria a minha próxima ação. Olhei ao redor e disse “Agora, eu vou pegar o(a) [nome da criança]!”, repetindo os mesmos gestos. A brincadeira se encaminhou dessa forma, até que foram surgindo incentivos para que as crianças também rolassem e eu não conseguisse pegá-las. Depois de um tempo sendo o pegador, as crianças foram convidadas a experimentar esse papel na brincadeira: “Você consegue me pegar?”, “Quem me ajuda a pegar o(a) [nome da criança]?” e “Vamos pegar o(a) [nome da criança]!!!”. Em outros dias, foi possível observar as crianças fazendo uso desse movimento em suas experimentações livres pelo espaço.

- Massagem

Sentadas ou deitadas, individual ou coletivamente, as professoras podem brincar tanto de fazer massagens nas crianças quanto receber os toques delas. Como as crianças desta faixa etária ainda não possuem muita consciência sobre a sua força, provavelmente, a professora precisará orientar a forma mais adequada de se tocar o amigo, isto é, de uma forma que ele não sinta dor.

- Interações enquanto os bebês e as crianças balançam

Um dos brinquedos do parque preferidos pelos pequenos são os balanços. No entanto, eles ainda não alcançam os pés no chão para conseguirem se balançar sozinhos e necessitam do auxílio dos adultos. Para que não se fique apenas dando o impulso, pode-se realizar uma brincadeira bem simples que eles adoram. A professora fica de frente com a criança e à medida que ela for se aproximando diz: “Eu vou pegar a mão do(a) [nome da criança]!”. Assim que

⁷ A sala Cri Cri – Espaço para a CRIança CRIar foi idealizada em parceria com o professor Ademir De Marco, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Para mais informações, ver o APÊNDICE - Sala Cri Cri – Espaço para a CRIança CRIar.

estiver bem pertinho, a educadora encosta, aperta de leve ou faz cosquinhas no local mencionado. A cada vai-e-vem do balanço, troca-se as partes do corpo. Nas primeiras vezes, elas ficam acanhadas, sorrindo levemente. Como geralmente vários bebês e crianças estão lado a lado no brinquedo, a professora precisa se revezar e, enquanto eles aguardam a sua vez, é possível perceber que ficam muito atentos e se divertem vendo a interação da professora com o colega. Quando já compreenderam a brincadeira, a professora pode pedir sugestões sobre quais partes do corpo eles querem que a professora pegue.

Capítulo 3 – Reflexões sobre o brincar com o corpo da professora

É inquestionável a importância do brincar para as crianças na Educação Infantil. Ao analisar especificamente as brincadeiras corporais entre as educadoras e os bebês/as crianças podemos elencar uma série de contribuições para o desenvolvimento de habilidades, da comunicação e da criatividade dos pequenos.

Porém, para além dos benefícios utilitaristas do brincar, gostaríamos de refletir sobre as razões pelas quais as brincadeiras com o corpo da professora despertam tanto interesse nos bebês/nas crianças? Quais sinais dão em suas gestualidades e expressões faciais que podemos identificar que a brincadeira lhe está sendo agradável ou não? E, quais os ajustes corporais e emocionais necessários para que se entreguem às brincadeiras?

3.1 O que se pode aprender durante o brincar com o corpo da professora

A perspectiva do nosso trabalho não pretende utilizar ou até mesmo indicar as brincadeiras livres e espontâneas com o corpo da professora como um mero artifício pedagógico para ensinar conteúdos ou desenvolver habilidades, mesmo porque “para a criança, importante é brincar, é o momento, e não que aprendizado ela trará.” (NAVARRO; PRODÓCIMO, 2012, p. 644). Embora reconheçamos que o processo repleto de prazer e alegria seja muito mais valioso do que qualquer possível resultado alcançado, neste momento, como profissionais da educação, não podemos legitimar apenas o seu viés recreacionista, visto que é possível perceber que elas também possibilitam inúmeras aprendizagens e diversas oportunidades para se expressar e se relacionar com o outro.

Para analisarmos alguns dos benefícios que esse modo de brincar oferece aos bebês e às crianças, iremos utilizar como parâmetro as seguintes habilidades básicas que, segundo Elias (1985, p. 26 *apud* MORGADO, 2017), contribuem para um bom desenvolvimento:

comunicação: verbal e não verbal, coordenação motora ampla, ritmo, coordenação viso-motora, orientação espacial – lateralidade, orientação temporal, discriminação visual, percepção figura-fundo, atenção e concentração, discriminação auditiva, memória visual-auditiva, classificação, seriação, análise-síntese, conservação (p. 26).

Podemos observar que grande parte das habilidades mencionadas são contempladas nas brincadeiras com o corpo da professora, apresentadas no capítulo anterior. Dentre as quais podemos citar:

A **comunicação** entre professora e bebês/crianças, seja ela de forma **verbal** ou **não-verbal**, está presente em todos os momentos. Apesar da educadora utilizar-se principalmente da oralidade, complementadas por diversas entonações e expressões faciais, para interagir com os pequenos, é importante que a educadora se alfabetize constantemente nas linguagens utilizadas pelos bebês/pelas crianças – os olhares, as vocalizações, os choros, os gestos, os toques, as expressões faciais, as aproximações/os distanciamentos, etc. – para compreender o que eles querem comunicar e auxiliá-los a se expressar melhor.

Algumas brincadeiras também contribuem para que a criança aprenda o nome de algumas partes e marcas do corpo, que até então passaram despercebidas - a interação na qual as crianças descobrem o seu umbigo e o dos seus demais companheiros, produzem diálogos muito interessantes, mesmo que oralmente incompreensíveis. Os objetos do vestuário também trazem novos elementos, que podem ser explorados quanto às suas cores, desenhos, formatos, funcionalidades etc. As diversas músicas e imitações dos animais expandem o vocabulário e as maneiras de se expressar corporalmente.

Ao cantar e realizar os gestos das diversas músicas, imitar os animais e contar histórias, a professora utiliza o seu próprio corpo para representar as personagens, com vozes e movimentos diferentes dos seus habituais, além de contar com a participação das crianças para sentirem os efeitos de sua atuação. Enquanto a professora conta a história “Dois Passarinhos”, é possível observar que as crianças esperam ansiosamente para que os passarinhos pousem em suas cabeças e lhes deem um beijinho na ponta do nariz, não sendo preciso realizar a contação muitas vezes para que as crianças também comecem a realizar os gestos produzidos pela professora e interajam com os seus amigos. Propostas como essas auxiliam as crianças no enriquecimento de seu repertório de palavras e movimentos, descobrindo novas sensações e sentimentos. Com isso, as crianças possuem novos recursos para criarem outras formas de se expressar, cantando músicas, realizando imitações e contando histórias de um jeito diferente.

Os movimentos gerados por meio das brincadeiras contribuem tanto para o desenvolvimento da **coordenação motora ampla** quanto da **fina** e da **viso-motora**, tornando a sua execução mais consciente e aprimorada, conforme suas ações são repetidas e produzem interferências sobre o meio. Na brincadeira “Pingué” é necessário realizar o movimento de pinça, com ambas as mãos, e pegar a pele das costas das mãos dos amigos – apenas esse movimento já desperta a atenção das crianças, que precisam de um tempo para conseguirem realizá-lo com firmeza, mas sem machucar o colega. Depois, com o movimento de baixo para cima, que dificulta a manutenção da posição das mãos, as crianças se divertem ao verem seus dedos se soltarem, querendo começar tudo novamente. As posições de Yoga também

contribuem para que as crianças executem movimentos amplos variados e consigam alongar o seu corpo.

Ao observar a ação dos colegas, as crianças começam a ter novas ideias de como utilizar o seu corpo e quando não conseguem realizá-la da forma como o outro, muitas vezes, elas utilizam-se da sua criatividade para adequá-las aos esquemas motores já conquistados, como é o caso da brincadeira em que não conseguindo passar por cima da perna estendida da professora, por estar muito alta para elas, as crianças não desistem de participar e começam a passar por baixo, se abaixando ou engatinhando.

Quanto a **lateralidade** e a **orientação espacial e temporal**, podemos dizer que as brincadeiras de “Avião”, “Serra-Serra Serrador”, “Torre com as mãos” e “Pega-pegas, rola-rola” podem ajudar a desenvolver essas habilidades. Na primeira, são realizados movimentos em diversas direções; na segunda, de frente para trás; na terceira, movimentos com a mão de baixo para cima e; na quarta, é preciso que a criança tenha uma resposta física, ao definir qual a velocidade e lado de seu corpo mais adequado para ir na direção de seu colega ou fugir dele.

O **ritmo** é outro aspecto bastante trabalhado durante as interações que exigem que o corpo realize movimentos em consonância com o outro ou em velocidades variadas, como nas brincadeiras de mãos (“Soco, Bate, Vira” ou “Pom, pom, pom”), nas vivências musicais e na produção de sons com o corpo.

A necessidade do uso e do desenvolvimento das habilidades de **memória visual-auditiva**, de **discriminação visual** e de **discriminação auditiva** pode ser observada conjuntamente nas canções com gestos (sejam eles condizentes com a letra ou aleatoriamente definidos como na música “Yapo”); na vivência em que a professora, realizando movimentos com o seu corpo e a sua boca (beijos, assobios, roncões, sopros, bocejos, estalos, batidas, palmas, etc.), produz sons que se assemelham aos barulhos de outros elementos do cotidiano das crianças; nas brincadeiras de imitar os modos de andar e vocalizações dos animais.

A **atenção** e a **concentração** com a qual as crianças se dedicam a brincar e a interagir durante esses momentos são impressionantes, principalmente se houver um adulto interessado em propor desafios condizentes com o seu nível de desenvolvimento e incentivar a sua participação, através de falas motivadoras e que reconhecem o seu esforço e evolução.

Outra forma de buscarmos compreender se essas brincadeiras podem colaborar para o desenvolvimento dos pequenos seria analisá-las a partir do referencial da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Podemos destacar que as situações promovidas por esse modo de brincar contemplam, embora com intensidades diferentes, a sugestão de habilidades e

competências que devem ser alcançadas e compõem os cinco campos de experiência, explicitados no documento.

No primeiro campo de experiência, “O eu, o outro e o nós”, podemos destacar que ao estabelecer contatos, durante as brincadeiras, com os adultos presentes na instituição e as outras crianças, elas vão obtendo uma maior consciência das particularidades de sua identidade, isto é, as suas emoções, os seus pensamentos, as suas preferências, a forma como realizam as suas ações, etc.; nas negociações para solucionarem as disputas de espaço e atenção, percebem que o outro nem sempre possui as mesmas características sociais e culturais e são orientados para que todos sejam respeitados em suas individualidades e diferenças; começam a construir uma noção de democracia; experimentam, no faz de conta, momentos de autocuidado e do cuidado ao outro; etc.

No segundo, “Corpo, gesto e movimentos”, o corpo das crianças é o grande protagonista. Algumas das brincadeiras apresentadas propiciam a tomada de consciência das partes do corpo, dos gestos e movimentos que são capazes de realizar, das habilidades e dificuldades que possuem para executar uma ação com autonomia e segurança, das sensações produzidas pelos órgãos dos sentidos, das formas que conseguem se expressar corporalmente, das maneiras possíveis de se locomover e ocupar o espaço, etc.

No terceiro, “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, podemos perceber que as interações das brincadeiras com o corpo necessitam, muitas vezes, de uma comunicação com os olhares, com as expressões faciais, com os gestos, com os balbucios ou com a fala. No decorrer da convivência, os bebês, as crianças e os adultos vão interpretando esses sinais e atribuindo significados a eles. Através das orientações, dos comentários, das cantigas e das contações de histórias, os bebês/as crianças vão constituindo e enriquecendo os seus repertórios de palavras e aprimorando o seu nível de escuta, de compreensão, de participação em diálogos, de formação do pensamento e desenvolvimento da imaginação.

No quarto, “Traços, sons, cores e formas”, podemos destacar as brincadeiras que as crianças apreciam, acompanham e/ou criam canções que requerem a produção de sons com o próprio corpo.

No quinto, “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, as crianças conseguem, através das brincadeiras com o corpo da professora, se situar no espaço e sentir os efeitos de fenômenos naturais e físicos, como: a Lei da Gravidade, quando é colocada de ponta cabeça ou lançada ao alto; a alteração de velocidade, ao ser conduzida no colo, nas costas ou ao girar; se movimentar no espaço para frente e para trás, de um lado para o outro ou utilizando outros apoios que não a habitual posição bípede; andar por um espaço reduzido ou com

obstáculos, como ao passar por baixo ou por cima das pernas da professora; a permanência do objeto, ao brincar de desaparecer ou esconder e achar; transformações de objetos, ao puxar os fios do cadarço e desfazer o laço; etc.

Após a análise anterior das possíveis contribuições que as brincadeiras espontâneas com o corpo da professora podem propiciar às crianças e a leitura das obras de referência, podemos dizer que essa proposta se aproxima das ideias da Psicocinética, de Le Boulch, pois ambas refletem e procuram promover o desenvolvimento global do indivíduo, assim como as formas de se reconhecer e atuar em seu entorno, a partir do movimento com o corpo. Le Boulch - educador físico, médico e psicólogo francês - considera o corpo e o espírito como elementos indissociáveis e “a expressividade e os gestos do corpo nas mais diversas possibilidades, como uma manifestação do corpo presente no mundo. Desse modo, emoção, afetividade e expressividade são inerentes ao corpo e ao movimento humano.” (1987 *apud* SILVA; ANDRIEU; NÓBREGA, 2018, p. 1045).

Segundo Le Boulch (1988 *apud* SILVA, 2010; SANTA CLARA & FINK, 2012; MORGADO, 2017), o corpo passa por uma evolução psicomotora que possui três estágios: o corpo vivido, o corpo percebido/descoberto e o corpo representado.

A faixa etária que esta pesquisa se dedica, os três primeiros anos de vida, corresponde ao primeiro estágio, o corpo vivido. Nessa etapa a criança não possui uma consciência de seu eu e não se diferencia do outro e dos elementos presentes no ambiente. Ela começa a compreender a sua presença no mundo e a construir a imagem do seu corpo e de sua identidade, a partir da exploração concreta dos objetos ao seu redor e do desenvolvimento de suas habilidades de locomoção - na primeira, ela adquire formas cada vez mais eficientes de manusear e interagir com os elementos, descobrindo suas funcionalidades e dominando sua motricidade; na segunda, ela conquista maior autonomia para buscar seus interesses. Fonseca (2008, p. 75 *apud* SANTA CLARA; FINK, 2012), disserta que

Ao manipular objetos, a criança atinge efeitos que a excitam emocionalmente e a encantam como autodescoberta, fazendo com que os mesmos gestos se repitam e se automatizem, porque geram sensações viscerais e musculares agradáveis e arrebatadoras. Explora objetos ao mesmo tempo em que se explora corporalmente a si própria, autoconhecendo-se. (p. 5).

Devido a essa necessidade natural da criança, relembremos novamente sobre a importância de que as crianças vivam várias experiências sensoriais e corporais, em um ambiente desafiador e rico de interações, para que possam aprender e automatizar os movimentos, se desenvolvendo tanto externamente como internamente.

Sendo assim, é preciso destacar que, durante essas interações entre professora e bebês/crianças, a intencionalidade principal vai muito além da destreza das ações, realizadas de forma padronizada e automatizada. O intuito maior é de oferecer às crianças oportunidades de vivenciarem sua corporeidade e extraírem de suas experiências novas formas de agir e interagir, que serão únicas conforme as diferenças do corpo e da mente de cada ser. A aquisição de movimentos mais aprimorados e de uma linguagem mais elaborada são apenas os elementos mais visíveis de se identificar, porém a sua prática também proporciona uma maior conscientização das emoções e das habilidades de convívio, pois os bebês/as crianças vivenciam situações, a partir de contextos significativos para eles/elas, nas quais precisam regular e expressar os seus sentimentos, demonstrar os seus afetos e aversões, controlar a sua ansiedade em querer participar e esperar a sua vez, resolver conflitos, dividir um mesmo espaço com os colegas, lidar com as suas frustrações, reconhecer e respeitar o corpo do outro, etc.

3.2 Por que as brincadeiras com o corpo da professora despertam tanto interesse?

Após relatarmos e analisarmos as possíveis contribuições que as brincadeiras com o corpo da professoras oferecem para o desenvolvimento das crianças, uma das hipóteses para tentar entender sobre os motivos pelos quais elas se interessam em participar de propostas como essas seria a viabilidade de enfrentar novos desafios por meio da movimentação de seu corpo.

De acordo com Jesus (1992),

O corpo, meu corpo, é minha experiência imediata de mundo, é minha primeira e permanente vivência do que sou, do que fui, e do que poderei ser. É minha possibilidade de desenvolver minha humanidade. É o humano pleno, em sua corporeidade, ou seja, em sua condição de presença, participação e significação no mundo.” (p. 15 *apud* LIMA, 2013, p. 34)

Sendo assim, podemos dizer que os bebês e as crianças vivem o seu corpo por inteiro e que o movimento é um dos maiores recursos que os bebês e as crianças possuem para se locomover, se expressar, interagir com os outros e descobrir o mundo ao seu redor.

O movimento faz parte da vida da criança, mesmo antes dela nascer. Ao se movimentar, primeiramente explorando o seu próprio corpo e gradativamente interagindo com as pessoas de sua convivência, manipulando os objetos e desbravando os espaços, as crianças vão possuindo uma maior consciência sobre os limites do seu próprio corpo e as especificidades de suas partes, as maneiras de se socializar com o outro, o espaço que ocupam no ambiente e as relações de causa e consequência de sua atuação sobre o meio. Podemos destacar que, com as propostas e

os desafios vividos através dessas brincadeiras com a professora na creche, desde os primeiros meses, o repertório de movimentos pode ser aprimorado e até mesmo expandido e aprofundado, tanto no que se refere à variedade quanto à amplitude e à intencionalidade dos gestos, pois “este é um período em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais são progressivamente refinadas, combinadas e elaboradas para o uso em situações crescentemente exigentes.” (ROSSI, 2012, p. 6). Além das funções de deslocamento e exploração, os movimentos proporcionam um grande prazer às crianças e possibilidades para que elas expressem e comuniquem seus pensamentos e sentimentos, através de movimentos espontâneos, das brincadeiras e de linguagens como a dança, por exemplo.

No entanto, os bebês e as crianças que, a princípio, se movimentam constante e livremente, vão sendo inseridos, no decorrer de suas vivências diárias em sua casa e na creche, em um conjunto de regras que orientam os padrões posturais e comportamentais mais adequados à concepção de corpo presente na sociedade em que vivem. Segundo Soares (2001)

o corpo e sua gestualidade são objetos de intervenção do poder. A intervenção dirigida, forjada por inúmeras técnicas que são aprimoradas para incidir sobre o corpo e o gesto, vai consolidando-se como uma prática social desejada, delineando o que poderia chamar de *uma educação do corpo e controle de seus gestos*. (p. 56; grifos da autora *apud* ASSARITTI, 2015, p. 72)

Sendo assim, o desenvolvimento do corpo não é algo automático no organismo dos pequenos, ele é influenciado e diferenciado pelas oportunidades que o indivíduo recebe no decorrer de sua vida, em detrimento de suas características biológicas, do seu contexto familiar e ambiental e das ações e expressões que lhe são permitidas em seu dia-a-dia, pela sua cultura. Em decorrência disso, ao trabalharmos com os bebês e as crianças precisamos refletir constantemente sobre as nossas práticas para que os seus movimentos e as suas interações não sejam excessivamente reprimidos e eles possam experimentar o seu corpo de forma abrangente.

Outra possibilidade para compreender o interesse pelos quais os bebês e as crianças demonstram interesse pelas brincadeiras com o corpo da professora seria a oportunidade de vivenciar uma relação mais próxima e afetiva com a educadora. Podemos observar que, durante a maior parte das brincadeiras com o corpo entre professoras e bebês/crianças, a interação se desenvolve principalmente através do contato físico entre elas, do tocar. Segundo Montagu (1988), o toque possui um significado bastante especial para os seres vivos e isso se reflete inclusive em nossa linguagem cotidiana, na qual a palavra toque qualifica positivamente diversas ações humanas,

Quando nos referimos, por exemplo, ao 'toque feminino', ao 'toque individual', ao 'toque profissional', o que sentimos é haver uma atenção especial; ao usarmos essa palavra dentro de tal contexto, indicamos um cuidado peculiar, que em geral não atribuímos a outros termos. (p. 29).

As pesquisas apresentadas por esse autor indicam que a estimulação cutânea é uma necessidade biológica universal e primordial para o crescimento. Ela promove um desenvolvimento humano saudável, principalmente no início da vida, contribuindo tanto para os aspectos físicos quanto emocionais e comportamentais do sujeito.

O tocar pressupõe a presença do outro para explorar, descobrir e transformar - é uma linguagem que se materializa no encontro afetivo entre dois ou mais corpos. Ele contribui para a diferenciação da estruturação interna dos indivíduos, conforme tenha desfrutado ou não dessas experiências. A vivência do toque respeitoso (recebido através de carinhos com as mãos, de beijos, de abraços ou de um colo aconchegante), durante a interação com as pessoas que exercem um papel de educador, afeta as crianças quanto ao reconhecimento da sua presença no mundo e auxilia na construção de relacionamentos mais seguros e ternos com as pessoas ao seu redor. Em contrapartida, toques grosseiros e ríspidos promovem a sensação de medo e de desprezo, podendo causar angústias, ansiedades, afastamentos e, até mesmo, uma socialização superficial, fria e violenta.

Um toque agradável produz efeitos físicos e emocionais que viabilizam o envolvimento e a colaboração entre as pessoas. Ele pode tranquilizar e acalmar, propiciar o sentimento de autoestima e de ser amado e estabelecer vínculos de confiança e de cumplicidade, pois sua prática comunica a ideia de proteção, conforto e cuidado. Um dos motivos pelos quais os bebês e as crianças se interessam tanto por esse modo de brincar, talvez seja pela presença constante do toque e pela forma delicada e divertida com que encorajam a participação dos bebês e das crianças.

No decorrer das minhas experiências como professora de creche pude perceber o quanto o toque, nos mais diversos tempos e espaços da rotina da creche, é significativo para os pequenos. Na entrada, por exemplo, algumas crianças sentem bastante tristeza ao se separarem de seus pais e um acolhimento das professoras faz muita diferença para que elas se acalmem e consigam viver o restante de seu dia com mais tranquilidade. Quando as crianças passam por algum momento de conflito ou acidente, a postura que a professora adota também influencia na maneira como as crianças reagem para resolver os futuros problemas que enfrentarão - se sempre que alguma criança cai a educadora estende a mão para auxiliá-la a se levantar ou incentiva para que alguém colabore com ela, muitas crianças irão naturalmente se apropriar das atitudes da professora e passar a agir da mesma forma.

Infelizmente, como o trabalho docente demanda muitas ações, nem sempre é possível que as educadoras ofereçam uma atenção prolongada ou fiquem com diversas crianças em seu colo. Porém, se esses momentos de carinho e compreensão forem uma prática constante, quando a professora amavelmente explicar que naquele momento ela não poderá se estender no seu atendimento porque precisará fazer uma outra atividade, oferecendo a opção de permanecer por perto ou uma alternativa para se entreter, elas geralmente entendem e logo se dedicam a uma outra tarefa. No entanto, a aceitação do toque nem sempre é algo natural e espontâneo para os bebês e as crianças, principalmente se eles não considerarem a pessoa que o oferece como uma referência. Quando os bebês e as crianças não possuem muita vivência em espaços coletivos ou não passaram por experiências em que pessoas familiares estejam ausentes, até que os novos vínculos afetivos sejam formados, o que podemos observar é uma negação do carinho e um aumento do desconforto, pois, muitas vezes, eles querem um toque específico, seja de uma pessoa em especial ou de uma determinada forma.

A grande responsável por nos fazer sentir o toque é a pele, que com todos os seus receptores sensoriais constitui um precioso e poderoso órgão do nosso corpo, nas quais suas funções não podem ser substituídas por nenhum dos outros sentidos. Através de estimulações táteis recebemos diversas informações sobre o ambiente externo em que estamos, provocando reações em nosso organismo, além de transparecermos o estado interno de nossos corpos, ou seja,

A pele é o espelho do funcionamento do organismo: sua cor, textura, umidade, secura, e cada um de seus demais aspectos refletem nosso estado de ser psicológico e também fisiológico. Empalidecemos de medo e enrubescemos de vergonha. Nossa pele formiga de excitação e adormece diante de um choque; é espelho de nossas paixões e emoções.” (*Ibidem*, p. 29-30).

No entanto, apesar da presença constante desse órgão no decorrer de nossas vidas “o desenvolvimento de sua sensibilidade depende, em grande medida, do tipo de estimulação ambiental recebida.” (*Ibidem*, p. 24). A capacidade de sentir da pele também passa por influências de ordem familiar, social e cultural, diferindo as suas percepções conforme a importância que ela exerce e a forma como é realizada dentro daquele círculo de convívio. Geralmente, os educadores se preocupam mais com a satisfação das necessidades vitais mais óbvias do bebê/da criança, não tendo consciência do quanto o contato corporal é gratificante e significativo para o seu desenvolvimento integral e para a conexão com as outras pessoas. Uma vasta experiência tátil oferece às pessoas a oportunidade de conhecer, comparar e associar os

atributos dos elementos presentes em sua realidade, formando um repertório rico e diversificado de sensações e, conseqüentemente, de conhecimentos.

Ainda em relação ao tocar, no Brasil, vivemos em uma cultura em que o contato físico, normalmente, não é visto como algo invasivo ou desrespeitoso. A manifestação de carinho e de amorosidade pelo toque, por parte da professora e entre os pequenos, é algo valorizado pelos responsáveis dos bebês e das crianças. Para eles, acredito que, inclusive, este seja um dos requisitos mais importantes na avaliação de uma profissional que se dedica à tarefa da educação formal de bebês e crianças bem pequenas. Porém, em nem todas culturas e contextos educativos podemos observar essa mesma visão em relação ao toque. Enquanto temos permissão para tocar as crianças e encorajar que os bebês e as crianças também tenham a mesma atitude entre si, Kude (2004), em sua pesquisa sobre a qualidade do atendimento na Educação Infantil de uma creche no Brasil e uma nos Estados Unidos, relata que presenciou um episódio em que a diretora da instituição norte-americana repreendeu uma criança que havia apenas tocado amistosamente um de seus amigos pelo simples fato de que ‘às vezes as pessoas simplesmente não gostam de ser tocadas’.” (p. 338).

Mesmo que nosso tema principal seja as brincadeiras, ao falarmos sobre o contato físico entre adultos e crianças não podemos deixar de destacar as diferenciações percebidas quando ele é realizado por mulheres e homens. Apesar de ambos os gêneros serem dotados com as mesmas capacidades e nada impedir que exerçam essa profissão em um ambiente de educação coletiva dos pequeninos, é notável a desproporção entre o número de homens e de mulheres na Educação Infantil. O senso comum de que a mulher é um ser doce e dotado de uma capacidade nata para exercer os cuidados infantis é um mito que fundamenta a presença majoritária da figura feminina na creche, que estimula o afastamento dos homens do papel de educadores e, até mesmo, que produz estranhamentos quando eles exercem essa função. Um outro agravante é que nem sempre as mesmas demonstrações de afeto de um professor, principalmente por meio do contato físico, serão vistas como as de uma professora - muitas vezes, as visões em relação às condutas dos homens estarão carregadas de preconceitos, julgamentos e preocupações que dificilmente são dirigidas às atuações das mulheres.

3.3 As reações das crianças no decorrer das brincadeiras

Durante as brincadeiras propostas pela professora, não sei se por falta de oportunidade de brincar com um adulto ou vê-lo realizando movimentos não costumeiros, muitas vezes, as crianças apenas param por alguns momentos para nos observar. Após esse jogo de olhares e

sorrisos, algumas partem para se entreter com outros elementos e outras correm em disparada na nossa direção para nos acompanhar. Os bebês que ainda não falam e se locomovem, balançam seus braços e pernas, de forma a nos comunicar que estão empolgados com a nossa ação e que também gostariam de participar.

Uma vantagem da brincadeira com os adultos e as outras crianças de sua convivência e não apenas com os objetos, é que durante a interação com o outro pode-se obter respostas mais interessantes em relação às suas ações, pois cada pessoa responderá de uma forma particular a um mesmo evento, o que contribui mais potencialmente para o desenvolvimento. Segundo Montagu (1988),

A brincadeira social é precedida pela exploração do ambiente físico e pelas brincadeiras com objetos inanimados; aparentemente, a exploração e as brincadeiras dirigidas ao social são mais importantes que a exploração e brincadeiras ambientais, em virtude da maior consideração e retorno dados por objetos animados, quando comparados aos objetos inanimados. (p. 361).

Nas brincadeiras que exigem movimentos que as crianças não estão acostumadas (em que saem do seu próprio eixo, que são muito rápidas ou que exigem equilíbrio), como nas de “Equilíbrio nos pés da professora”, de “Serra-Serra Serrador”, de “Cavalinho”, de “Avião”, de “Balança Caixa”, de “Virar de ponta cabeça” e de “Girar” é possível observar que diversos sentimentos são despertados nas crianças. Há aquelas acompanhadas pelo riso e pela alegria, mas há também aquelas que não são tão agradáveis, nas quais os pequenos precisam lidar com seus medos, ansiedades e frustrações.

Como normalmente, “permitimos contato com as coisas e pessoas em quem confiamos e de quem gostamos. Afastamo-nos do contato com o que não nos inspira confiança e que nos instila medo” (*Ibidem*, p. 128), é necessário muita atenção para as reações físicas e emocionais que os bebês/as crianças demonstram no decorrer das brincadeiras, procurando sempre estabelecer laços cada vez mais sólidos antes que uma aproximação ou ação aconteça, pois, sendo as crianças sujeitos de direitos e desejos, elas devem se sentir à vontade para brincar, não sendo forçada a participar de algo que não seja de seu interesse.

Para que a educadora consiga ajudá-las a superar suas inseguranças, é preciso que ela tenha a capacidade de escutá-la e colocar-se no lugar delas para compreender as suas dificuldades, tendo consciência que “cada corpo é único; logo, cada corpo tem suas próprias possibilidades e seus próprios limites.” (STRAZZACAPPA, 2012, p. 91 *apud* DI STEFANO, 2018, p. 92). Sendo assim, é necessário acalmar o bebê/a criança transmitindo segurança a ele/ela e avaliar se a brincadeira será adaptada ou encerrada, pois nem sempre elas são adequadas

para todos. Esses momentos, nos quais se prioriza a participação voluntária e o respeito pelo limite de ambas as partes, contribuem para a construção de uma relação mais afetiva, de proximidade e de confiança entre as crianças e suas professoras.

Dentre essas brincadeiras, muitas se originam pela vontade e pelos movimentos da professora, porém ao ser identificado uma proposta vinda das crianças, toda a dinâmica é reformulada e passa-se a seguir o jogo da criança. Nada deve ter um caráter fixo ou procurar apenas a repetição, desde que não seja prejudicial ou coloque em risco os envolvidos, as vivências devem ser maleáveis e seguir por caminhos que contemplem os desejos das crianças. Nesse aspecto, a professora atua como uma mediadora, convidando as crianças para participarem e estimulando-as a experimentar os movimentos propostos pela professora, assim como destacando e valorizando aqueles criados pelas outras crianças. Se a professora se desafia a acolher as sugestões de suas crianças, as especificidades do modo de ser de cada uma são respeitadas, elas adquirem uma postura ativa em seu modo de interagir com os outros, elaboram novos conhecimentos e novas formas de se relacionar, além de contribuir para a formação do repertório de brincadeiras da professora. Muitas das brincadeiras, que se originaram em uma determinada turma, foram utilizados posteriormente em outros grupos de crianças, podendo acontecer da mesma forma como também ser modificado de acordo com as necessidades dos novos brincantes. Até mesmo a repetição da proposta em um mesmo grupo, num momento diferente, pode percorrer trajetórias surpreendentes e que a professora por si só não teria tanta criatividade para desenvolver.

Considerações Finais

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

Cora Coralina

O dia-a-dia da Educação Infantil é repleto de inúmeros encantos. É um privilégio e uma responsabilidade participar do início da vida desses novos seres, propondo experiências que propiciarão as suas primeiras aprendizagens e vivências em um espaço coletivo, pois as marcas produzidas durante essa fase do processo de desenvolvimento irão acompanhá-los ao longo de suas trajetórias, afetando os seus modos de ser, de estar e de atuar no mundo.

Apesar do desgaste e do ritmo acelerado imposto pela rotina de quem trabalha em período integral e realiza uma especialização além dessa jornada, é com muita alegria e satisfação que tenho me dedicado a identificar e refletir sobre o foco desta pesquisa, as brincadeiras que as crianças realizam com o corpo de suas professoras. Após três anos realizando observações e anotações a respeito dessa temática, pude finalmente realizar uma sistematização e buscar referenciais que a fundamentem teoricamente. No decorrer da escrita, quando pensei que o meu repertório já havia se esgotado e que não haveria mais nenhuma brincadeira a ser acrescentada, nos instantes finais as crianças ainda me surpreendiam com novas formas de interagir com os corpos das professoras – nos últimos meses, não era raro me ouvir pedir: “Posso tirar uma foto de vocês brincando para eu colocar no meu TCC?” ou “Gente, por favor, registra isso pra mim!”.

É gratificante poder relatar algo verdadeiramente vinculado à minha prática e que, embora simples e rotineiro, ao se olhar atentamente, pode-se perceber que possui uma grande dimensão. Além das possíveis contribuições que essas brincadeiras oferecem, tanto no âmbito do desenvolvimento do bebê/da criança quanto no da construção dos vínculos afetivos, as reações manifestadas pelos pequenos também produzem efeitos significativos em mim, promovendo o meu crescimento pessoal e profissional.

As minhas vivências da infância e o gosto por brincar com as crianças, atrelado à observação constante sobre os interesses das turmas que acompanho, me levaram a perceber como esses momentos eram divertidos e ricos para o fortalecimento de nossas relações. Essa percepção me impulsionou a buscar por novos conhecimentos, que contribuíssem muito para

que eu pudesse vivenciar e refletir sobre a cultura corporal⁸ e conseguisse mediar propostas cada vez melhores e mais elaboradas. Sendo assim, não podemos deixar de destacar sobre a importância de as professoras buscarem frequentar formações diversas, a fim de aprofundarem o seu repertório artístico, cultural e científico para ampliarem as possibilidades de trabalho com as múltiplas linguagens das crianças. Por meio do estudo constante e do contato com novos autores, pode-se refletir sobre as concepções que estruturam a prática pedagógica, afinar o olhar para as particularidades da infância e construir a identidade do profissional que realiza a docência na Educação Infantil.

Como essa etapa da educação ainda é uma conquista recente, há muito o que se caminhar para que a formação da profissional das instituições infantis contemple todas as minúcias do nosso cotidiano e para que a sua atuação seja reconhecida com a devida importância que exerce sobre a infância e a construção de nossa sociedade. Apesar de defendermos que a ludicidade e que a contemplação dos interesses das crianças estejam presentes em todas as etapas da escolarização, é preciso que a profissional da Educação Infantil tenha uma prática e um olhar diferenciado dos professores dos outros níveis - não é ao acaso que ela é denominada como Educação Infantil e não como Ensino Infantil e seu público alvo são crianças e não alunos.

Para que a prática proposta por este trabalho se concretize é preciso que as professoras desenvolvam interações que não se limitem ao uso exclusivo da palavra. Ao romper com as barreiras invisíveis de nossos corpos, damos início a um processo de consciência sobre as possibilidades que os gestos, movimentos e expressões oferecem para as nossas ações pedagógicas - muitas vezes, um simples gesto pode dar início a uma brincadeira que proporcionará muita alegria e conhecimento para os pequeninos. É importante juntar-se às brincadeiras e demonstrar interesse para o que os bebês e as crianças sabem ou querem fazer, valorizando as ações propostas por eles e apoiando-os em suas dificuldades, pois “o valor que determinadas brincadeiras terão para as crianças na escola dependerá muito de como elas serão encaradas, nesse contexto, pelos adultos que o frequentam.” (NAVARRO; PRODÓCIMO, 2012, p. 634).

⁸ Dentre as mais importantes experiências posso destacar:

- o grupo de estudos “Brincadeiras e Músicas Tradicionais da Infância”, dirigido por Lucilene Silva (pesquisadora, educadora da Casa Redonda – Centro de Estudos e Instituto Brincante e coordenadora do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil do Projeto OCA – Escola Cultural, em Carapicuíba -SP), entre agosto de 2017 a julho de 2018, no Instituto de Artes da UNICAMP;
- o curso “Corpo, Gesto e Criação”, ministrado por Mônica Caldas Ehrenberg (docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - USP), no primeiro semestre de 2018, na Faculdade de Educação da UNICAMP.

No entanto, sabemos que nem todas as professoras estão preparadas ou dispostas para realizá-las, seja por problemas físicos ou por não se sentirem confortáveis com as sensações produzidas pelo toque e pela exploração das crianças. Nesses casos, seria necessário também respeitar as limitações da professora, mas seria interessante que a profissional procurasse realizar adaptações condizentes com a sua situação e que se esforçasse, gradualmente, em se permitir novas formas de interação com o seu corpo. Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que é muito gratificante para a professora ver os bebês e as crianças se divertindo e aprendendo por meio desse modo de brincar, no qual o corpo de ambos são os principais protagonistas.

Um ponto interessante das brincadeiras apresentadas é que elas também seguem na contramão da cultura da imobilização presente nas instituições educativas, na qual a criança deve fazer silêncio em seu espaço delimitado pela carteira e a professora tem um papel rígido e é pouco acessível. Como as crianças são puro movimento, elas devem ter o direito de interagir com todos ao seu redor e utilizar seus gestos e movimentos para se expressar.

Uma grande vantagem do uso consciente dos nossos maiores e melhores instrumentos de trabalho, o nosso corpo e a nossa voz, é que eles nos auxiliam a criar múltiplas perspectivas de trabalho, sem a necessidade da utilização de elementos que não sejam eles próprios. Como pudemos perceber no decorrer da análise do último capítulo, a brincadeira com o corpo da professora é uma aliada ao desenvolvimento integral dos bebês e das crianças e deveria servir como base para o trabalho pedagógico de todas as professoras, pois além de se apresentar como muito significativo para as crianças, ela não depende de nada que já não esteja presente. Não podemos negar e deixar de relatar que a falta de recursos materiais, tem sido um obstáculo constante no cotidiano de muitas de nossas escolas e, devido a essa conjuntura, muitas professoras não conseguem colocar em prática muitas ideias e intenções que seriam relevantes. Em paralelo às lutas pela garantia de uma educação gratuita e de qualidade para todos, é preciso pesquisar e encontrar novas alternativas, pois as crianças que estão frequentando as instituições de ensino, não podem aguardar por um cenário perfeito para receberem uma boa educação, elas necessitam e merecem ser tratadas com respeito e dignidade todos os dias.

Para terminar, esperamos que o presente estudo contribua para as pesquisas sobre as práticas das instituições infantis, principalmente àquelas que se destinam ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos, ressaltando e sensibilizando sobre o potencial que as brincadeiras com o corpo das professoras possuem para proporcionar uma educação de qualidade e que respeite às especificidades e os direitos dos bebês e das crianças. E que, embora esta seja uma pesquisa referente às práticas de um espaço educativo formal, os demais adultos que se relacionam com

os pequenos possam se inspirar, realizar e criar novas brincadeiras e, assim, também desfrutarem de momentos de proximidade e envolvimento.

Enfim, desejamos que possamos pensar juntos uma educação na qual as professoras se relacionem com as crianças dando vida à sua infância, aproveitando todas as suas potencialidades e saboreando as alegrias que essa parceria oferece. Muitas vezes, nós adultos nos esquecemos de que

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 19).

Mas, as crianças não! Que ao conviver com elas e observá-las, consigamos aprender o valor de viver inteira e intensamente uma experiência, por mais simples que seja.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Kelynn M. **Querem o que o meu corpo quer**. 1997. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Habilitação em Administração Escolar. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000296825>. Acessado em 15 de agosto de 2019.
- ANGELO, Marina B. **As práticas corporais no trabalho do professor de arte: um estudo em Várzea Paulista / SP**. 2013. 71 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250847>. Acessado em 27 de setembro de 2019.
- ANTONIOLI, Heloísa H. W. **Corpo e educação: refletindo sobre as práticas corporais na escola**. 2014. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000944432&opt=4>. Acessado em: 30 de setembro de 2019.
- ASSARITTI, Dolores S. **A educação do corpo das crianças na escola em narrativas do cotidiano**. 2015. 252 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253981>. Acessado em: 26 de setembro de 2019.
- AVANCINI, Maria Emília P. **“ATENÇÃO, CONCENTRAÇÃO!” – Vozes de Professoras sobre os Corpos dos Alunos na Escola**. 1997. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Habilitação em Administração Escolar. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000296281&opt=1>. Acessado em: 13 de agosto de 2019.
- BARBOSA, Maria Carmen S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002. p. 20-28.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acessado em: 16 de agosto de 2019.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação / Secretária de Educação Básica / Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acessado em: 17 de agosto de 2019.
- _____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acessado em: 21 de agosto de 2019.
- _____. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 16 julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acessado em: 14 de setembro de 2019.
- _____. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil: bases para reflexão sobre as orientações curriculares**. Projeto de Cooperação Técnica MEC/UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acessado em: 17 de agosto de 2019.

BRUSTOLIN, Gisela Maria. **Aspectos da Educação do Corpo no Currículo de Pedagogia**. 2009. 95 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CAMPOS, Maria M.; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. 44 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>. Acessado em: 14 de setembro de 2019.

CIPOLLONE, Laura. A atualização permanente nas creches. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos: uma abordagem reflexiva**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 121-139.

DI STEFANO, Thais Sans. **Reflexões sobre um trabalho corporal para crianças nos entrelugares da dança e do método Pilates solo**. 2018. 110 p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332354>. Acessado em: 10 de junho de 2019.

FERRO, Maria; FREITAS, Fabrisia. **Histórias para se contar com o corpo**. Rio de Janeiro: Odisseia, 2011.

FOCHI, Paulo S. **“Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em contextos de vida coletiva**. Porto Alegre: 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FONTANA, Roseli A. C. O corpo aprendiz. In: CARVALHO, Iara M. de., RUBIO, Kátia. (Orgs.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2002.

GUIRRA, Frederico Jorge S. **Mediação da professora generalista no trabalho corporal na educação infantil**. 2009. 151 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274785>. Acessado em: 28 de setembro de 2019.

_____; PRODÓCIMO, Elaine. Trabalho corporal na educação infantil: afinal, quem deve realizá-lo? **Motriz: Revista de Educação Física**. Universidade Estadual Paulista, v. 16, n. 3, p. 708-713, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/27985>. Acessado em: 25 de setembro de 2019.

KAWANISHI, Marina M. **As diferentes concepções da educação do corpo na educação infantil de Campinas**. 2007. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=000413364>. Acessado em: 29 de setembro de 2019.

KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo e a educação infantil. **Perspectiva**. Florianópolis, UFSC/CED, NUP, v. 12, n. 22, p. 105-128, Jan. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10745/10260>. Acessado em: 14 de setembro de 2019.

_____. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, nov. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acessado em: 14 de setembro de 2019.

KUDE, Vera M. M. Qualidade do atendimento na Educação Infantil: um estudo em duas culturas. **Educação**. Porto Alegre – RS. Ano XXVII, n. 2 (53), p. 319-348, Mai./Ago. 2004.

LIMA, Mariana Parro. **Vitória vai à escola: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil**. 2013. 164 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de

- Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250819>. Acessado em: 15 de setembro de 2019.
- MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. Novas buscas em psicoterapia. Vol. 34. 7ª Edição. São Paulo: Summus, 1988.
- MORGADO, Andressa de S. **A importância do desenvolvimento psicomotor da criança de 0 a 6 anos**. 2007. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Habilitação em Educação Infantil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18589/2/Andressa%20de%20Souza%20Morgado.pdf>. Acessado em: 3 de agosto de 2019.
- NAVARRO, Mariana S.; PRODÓCIMO, Elaine. Brincar e mediação na escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 34, n. 3, p. 633-648, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/24351>. Acessado em: 25 de setembro de 2019.
- ROSSI, Francieli Santos. Considerações sobre a Psicomotricidade na Educação Infantil. **Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas**. Ministério da Educação. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM. Minas Gerais – Brasil, n. 01, Ano I, 05/2012. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Considerações-sobre-a-Psicomotricidade-na-Educação-Infantil.pdf>. Acessado em: 10 de agosto de 2019.
- SANTA CLARA, Cristiane A. W. de.; FINK, Sílvia C. M.. **A Educação Psicomotora e a Prática Pedagógica dos Professores da Educação Infantil: Interlocações e Discussões Necessárias**. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2010/330>. Acessado em: 30 de julho de 2019.
- SILVA, Christyan G. de L. S. **Corpo, Movimento e Aprendizagem na Psicocinética de Jean Le Boulch**. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20519/1/ChristyanGiullianoDeLaraSouzaSilva_DISSERT.pdf. Acessado em 22 de julho de 2019.
- _____; ANDRIEU, Bernard; NÓBREGA, Terezinha P. da. A Psicocinética de Jean Le Boulch e o Conhecimento do Corpo na Educação Física. **Movimento: Revista de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1041-1054, jul./set. de 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/85386/50428>. Acessado em: 10 de agosto de 2019.
- SILVA, Gislene S. **O Desenvolvimento Psicomotor na Educação Infantil de 0 a 3 anos**. 2010. 40 f. Monografia (Especialização em Psicomotricidade) – Pós-Graduação *Lato Sensu* do Instituto a Vez do Mestre. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/t205654.pdf. Acessado em: 14 de agosto de 2019.
- TARDOS, Anna. A mão da educadora. In: FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler, educação infantil**. Barcelona: Omnisciência, 2010a.
- _____. As atividades dirigidas. In: FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler, educação infantil**. Barcelona: Omnisciência, 2010b.
- UCHOGA, Liane A. R. **O corpo da criança na educação infantil**. 2007. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000414227&opt=4>. Acessado em: 29 de setembro de 2019.
- WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev. 1995. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/859>. Acessado em: 12 de setembro de 2019.

Referências

- PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Yapo. In: PERES, Sandra; TATIT, Paulo. **O Livro de Brincadeiras Musicais da Palavra Cantada** - Volume 1. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010. Vídeo com a música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcBvsH7jqnc&feature=share>. Acessado em: 21 de agosto de 2019.
- Pom, Pom, Pom, quem será? **Brincadeira Tradicional da Infância**. Vídeo com a música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rqdK3EXWF7A>. Acessado em: 21 de agosto de 2019.
- XUXA. Soco, Bate, Vira. In: **Xuxa Só para Baixinhos 5 – Circo**. Vídeo com a música disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VZGcm_JYOKM. Acessado em: 21 de agosto de 2019.
- ZISKIND, Hélio. Passarinho, que som é esse? In: **Meu pé meu querido pé: Músicas Infantis de Hélio Ziskind**. 1993. Vídeo com a música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T3AoGeR4Kwo>. Acessado em: 21 de agosto de 2019.

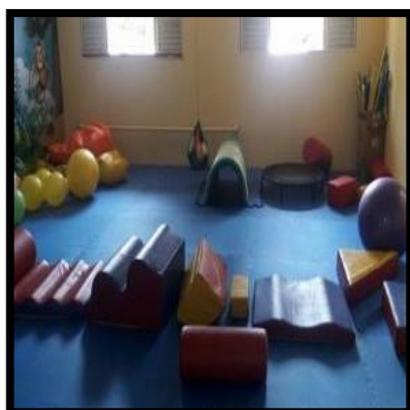
APÊNDICE

Sala Cri Cri – Espaço para a CRIança CRIar

O Centro de Convivência Infantil – Convivência I, que recebe bebês de 6 meses até aproximadamente 2 anos e meio, possui um espaço preparado e organizado para propiciar estímulos motores, denominado Sala Cri Cri.

Durante a sua elaboração, seus idealizadores, o professor Ademir De Marco e a equipe gestora da unidade, tinham como objetivo favorecer uma maior oportunidade de exploração do corpo do bebê e ampliação do seu repertório motor.

Ela é uma sala bastante aceita pelos bebês. Eles logo se encantam com as suas cores chamativas e as possibilidades que o ambiente oferece. Como pode ser observado pelas fotos, o espaço possui um chão emborrachado e materiais adequados (espumados para circuito motor, bolas de diversos tamanhos, bola feijão de Pilates, piscina de bolinhas, mini-trampolim) para desafiar os bebês a realizarem a prática de atividades de movimento, de forma lúdica e segura, condizentes com as necessidades desta etapa específica do desenvolvimento. Novos elementos também podem ser acrescentados por meio de alguns ganchinhos pendurados no teto.



Acervo do Centro de Convivência Infantil - Convivência I



Acervo do Centro de Convivência Infantil - Convivência I

Figuras 13 e 14 - Os elementos que compõem o ambiente da Sala Cri Cri

Diversos profissionais podem fazer uso dessa sala. Na maioria das vezes, são as professoras que levam suas turmas para utilizar o espaço, seja livremente ou seja para realizar propostas que estejam de acordo com os seus planejamentos (musicalização, danças, brincadeiras etc.). A instituição possui alguns projetos (vinculados ao Serviço de Apoio ao Estudante da UNICAMP, por meio da Bolsa de Auxílio Social - BAS, que contemplam estudantes de vários cursos, como Educação Física, Pedagogia, Artes, Filosofia, entre outros), nos quais as estudantes realizam, esporadicamente e com o apoio das professoras, algumas

atividades motoras e sensoriais junto às crianças - as bolsistas também podem propor oficinas para serem realizadas com as crianças e seus pais, na “Hora da Visita”⁹. Durante um período do semestre, estudantes do curso de Educação Física são recebidos para realizarem o seu estágio obrigatório neste local - eles costumam fazer observações e algumas intervenções nas turmas de bebês.

Além do uso com as crianças, neste espaço também já foram oferecidos para as professoras, nos seus horários de almoço, algumas práticas de exercício físico, como Pilates, Yoga e aeróbica por profissionais voluntários, bolsistas BAS e pelas próprias professoras da DEdIC que possuem projetos relacionados à saúde do corpo do professor.

⁹A “Hora da Visita” é um momento da rotina das crianças no qual os pais que desejarem podem se dirigir até a creche, no período das 11h30 às 12h30, para brincarem com os seus filhos.